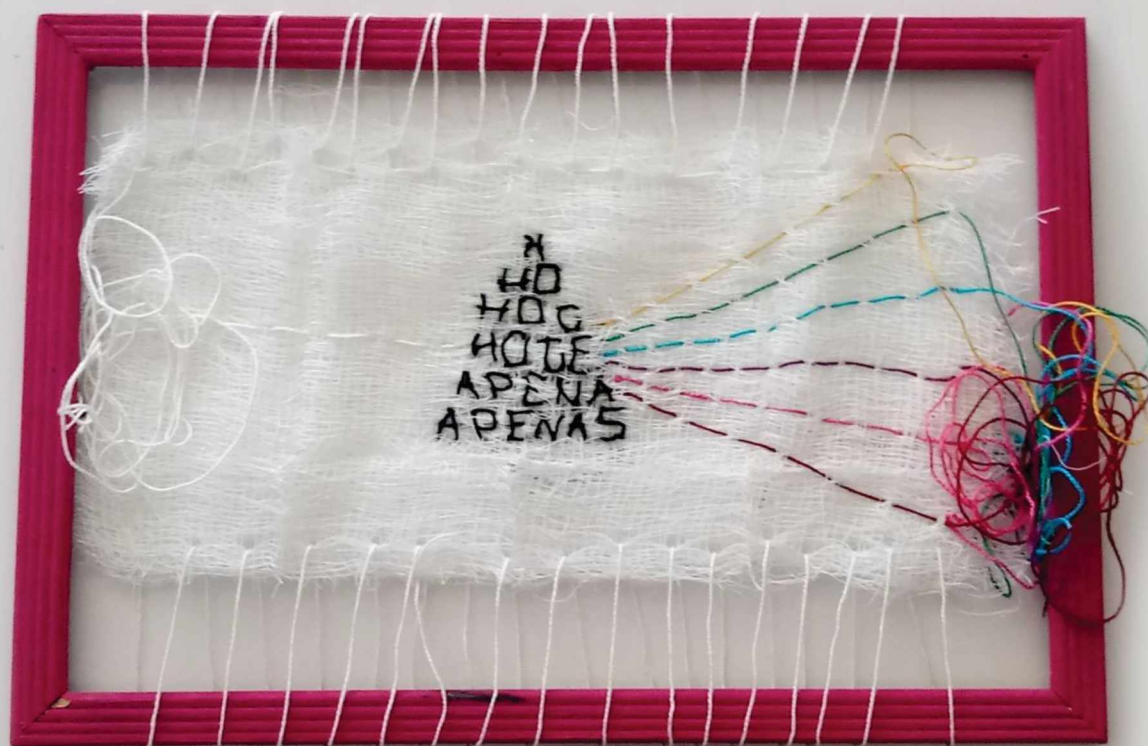


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES
GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

ANA PAULA FREITAS LEMES

MEMÓRIAS EM PERCURSO: A ARTE AMPLIADA COMO
INSTRUMENTO RE-SIGNIFICATIVO



UBERLÂNDIA-MG

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE ARTES

GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

ANA PAULA FREITAS LEMES

**MEMÓRIAS EM PERCURSO: A ARTE AMPLIADA COMO
INSTRUMENTO RE-SIGNIFICATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Luciana Mourão Arslan.

UBERLÂNDIA-MG

2020

ANA PAULA FREITAS LEMES

**MEMÓRIAS EM PERCURSO: A ARTE AMPLIADA COMO
INSTRUMENTO RE-SIGNIFICATIVO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Uberlândia, 21 de dezembro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Mourão Arslan (Orientadora)
IARTE - Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof^ª. Dr^ª. Raquel Mello Salimeno de Sá
IARTE - Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Prof^ª. Dr^ª. Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli
Escola de Educação Básica - ESEBA – UFU

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Composição para colcha de retalhos feita por mim.....	14
Figura 2	Experimentações de tecelagem feitas por mim.....	14
Figura 3	Vovó Filhinha, paterna.....	15
Figura 4	Um exemplo de temas convencionais bordado por mim.....	15
Figura 5	Vovô Apolinário, materno. Desenhado por Douglas R. de Freitas (2015). Escultura para disciplina <i>Fundamentos Tridimensionais</i> (2013).....	16
Figura 6	Fragmento escrito de pesquisa sobre o substantivo “burrice”.....	17
Figura 7	Modelagem com técnica de rolo em cerâmica marfim, <i>Ateliê de Cerâmica</i>	19
Figura 8	Fotografias editadas de peças moldadas para a disciplina <i>Cerâmica</i> e esculpidas em concreto celular para a disciplina <i>Escultura</i>	19
Figura 9	<i>Sombra da Memória</i> , para <i>Ateliê de Fotografia</i>	20
Figura 10	Castelo de cartas, torre de lápis e construção com blocos de concreto soltos na velha pracinha	20
Figura 11	Fogueira, asas de papel colorido a giz e modelagem de observação.....	21
Figura 12	Dente-de-leão e tentativa de abertura de coco.....	21
Figura 13	Encontro ocasional de jogo canastra.....	21
Figura 14	Fernanda Rezende Pires e eu exibindo a minha primeira pintura, <i>Tulipa</i> , para mostra cultural de final de ano da Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha – Uberlândia-MG.....	22
Figura 15	Papai, Osvaldino Lemes da Silva (26/10/1964), ao lado de sua segunda esposa, Eliana Gomes Ferreira Lemes (16/07/1974), praticando crochê.....	24
Figura 16	<i>Portal</i> - colagem (2015); <i>Portão</i> - bordado espontaneamente (sem gráfico ou desenho prévio) sobre um retalho enviesado de linho (por isso sua modulação) (2018); e <i>Portal em Linogravura</i> , para disciplina <i>Xilogravura</i> 2014).....	32
Figura 17	<i>Sombra da Memória</i> – um trabalho de pares semelhantes, realizado em diversas disciplinas da graduação.....	39

Figura 18	Tatuagem feita em 2014 a partir de ilustração de livro de Joan W. Anglund.....	40
Figura 19	Pontos bordados em moletom por mim e eu vestida com o moletom, referências da “tentativa de autorretrato”.....	41
Figura 20	Bordado para cúpula feito por mim.....	42
Figura 21	<i>Ditos Ilustrados em Tacos, para o Ateliê de Xilogravura</i>	44
Figura 22	Trabalho produzido simultaneamente a disciplina <i>Estágio Supervisionado II</i> , que teve como referência os aspectos figurativos e repetitivos do artista Belga René Magritte (1898 - 1967).....	46
Figura 23	Fotografia editada da gaiola produzida com arame recozido para a disciplina <i>Fundamentos Tridimensionais</i> e atualmente.....	46
Figura 24	Re-corda.....	47
Figura 25	Maratona de modelo vivo para disciplina <i>Modelo Vivo</i>	48
Figura 26	Caderno Criativo.....	53
Figura 27	<i>Oficina de Encadernação</i> para disciplina <i>Projeto Integrado de Práticas Educativas</i>	53
Figura 28	Chave bordada em papel: “Averso de propósito, tudo tem dois lados”.....	54
Figura 29	Exercícios em crochê e couro feitos por mim.....	55
Figura 30	Aula-piloto <i>Faça sua Bolsa</i> para disciplina <i>Estágio Supervisionado III</i>	56
Figura 31	<i>Oficina Faça sua Bolsa</i> para disciplina <i>Estágio Supervisionado III</i>	56
Figura 32	Registros das expedições <i>Noite no Museu</i> para disciplina <i>Estágio Supervisionado IV</i>	57
Figura 33	Fragmento de anotações e estudos da experiência com móveis.....	58

Figura 34	Eu brincando de casinha, por volta de 1995, e 25 anos depois.....	60
Figura 35	À esquerda: quarto de Juan David, 10 anos, Medellín, Colômbia; à direita: quarto de Bento	63
Figura 36	Imagem do projeto.....	67
Figura 37	Antes e depois – reforma de móveis para loja.....	67
Figura 38	Antes e depois II – reforma de móveis para loja.....	68
Figura 39	Reforma de móvel e ressignificação das portas do móvel reformado, pintura de parede (listrada) e composição de disposição de quadros fizeram parte do projeto.....	68
Figura 40	Transformação de móveis feita por mim.....	69
Figura 41	Reforma de pequeno móvel de madeira.....	69
Figura 42	Detalhe em pintura.....	70
Figura 43	Pintura zigue-zague em parede e pintura circular em parede.....	70
Figura 44	Antes e depois de guarda-roupas; pintura guache para disciplina <i>Composição e Cor</i> ; antes e depois armário de sala de estudos.....	71
Figura 45	Rosa bordada por mim.....	74
Figura 46	Gravura para disciplina <i>Serigrafia</i>	74
Figura 47	<i>Metamorfose</i> , técnica mista.....	78
Figura 48	Álbum Itinerante produzido com a contribuição dos alunos da turma da disciplina <i>Escrita criativa</i>	79
Figura 49	<i>Queimando as Máscaras do Ego</i> e bordado <i>Fogueira</i> , feito por mim.....	80
Figura 50	Vovô Orlando, paterno; e Número 3 bordado sobre tecido de antiga cortina da casa da vovó Zirê.....	84
Figura 51	Vovó Zirê, materna, exibindo seu jardim e recebendo Nossa Senhora de Schoenstatt em sua casa.....	84
Figura 52	Banho de ervas preparado na quarentena com pétalas de rosa vermelha, hortelã, canela e cravo.....	87
Figura 53	Tia Marli.....	90
Figura 54	Mamãe exibindo minha tela na Mostra Cultural.....	91
Figura 55	Divulgação da Oficina, veiculada no Instagram.....	95
Figura 56	Pantáculos Tetragramaton (Pentagrama) e o Hexágono, considerados máximos por conterem arquétipos inquestionáveis.....	100

Figura 57	Terafins ou deuses domésticos.....	101
Figura 58	Bordado <i>Curativo</i> (sobre gaze).....	103
Figura 59	<i>Frame</i> de vídeo <i>A Tecelã</i> , apresentação integrante deste trabalho.....	103

RESUMO

Este estudo, com inspiração autoetnográfica, considera tanto o meu processo de aquisição de conhecimento nas artes quanto meu interesse estético por práticas manuais e místicas. Reflete sobre conhecimentos adquiridos e empíricos perpetuados por gerações, heranças ancestrais que fizeram/fazem parte do meu contexto familiar: bordadura, crochê, costura, tecelagem, benzimentos, chás, banhos de ervas, cristais, signos, *tarot*, leitura de mão. O estudo se apoia em uma ampla concepção de Arte, anunciada por Shusterman (1998) e Richter (2000), e dialoga – superficialmente – com outros campos, como a Psicologia e a Neurociência. Ao final, apresenta uma proposição de ensino que arremata e dissemina o fio condutor revelado no processo da pesquisa: a oficina *Com-fiar: Uma experiência mística de Arte*, um curso que propõe educação emocional através de práticas artesanais e místicas.

Palavras-chave: Arte-vida. Autoetnografia. Estética do Cotidiano.

ABSTRACT

This study, with autoethnographic inspiration, considers both my process of acquiring knowledge in the arts and my aesthetic interest in manual and mystical practices. It reflects on knowledge acquired and empirical perpetuated for generations, ancestral inheritances that were/are part of my family context: embroidery, crochet, sewing, weaving, blessings, teas, herbal baths, crystals, signs, tarot, hand reading. This study is based on a broad conception of Art, announced by Shusterman (1998) and Richter (2000) and dialogues - superficials - with other fields, such as Psychology and Neuroscience. At the end, it presents a teaching proposition that concludes and disseminates the guiding thread revealed in the research process: *The Com-fiar Workshop: A mystical Art experience*, a course that proposes emotional education through craft and mystical practices.

Keywords: Art and life. Autoethnography. Aesthetics of Everyday Life.

SUMÁRIO

MEMÓRIAS EM PERCURSO.....	10
O TERMO “ARTE”: INTRODUÇÃO E VÍNCULO NAS ARTES VISUAIS.....	26
TRAVESSIA INVISÍVEL POR TÉCNICAS SEM FRONTEIRA.....	38
A ARTE AMPLIADA COMO INSTRUMENTO RE-SIGNIFICATIVO.....	58
ARTE E VIDA POLIMORFA: UM BREVE OLHAR SOBRE A CRISE SANITÁRIA MUNDIAL.....	73
COM-FIAR: UMA EXPERIÊNCIA MÍSTICA DE ARTE.....	94
REFERÊNCIAS.....	104

MEMÓRIAS EM PERCURSO

O percurso na graduação é uma parte fundamental no meu processo de vida, não apenas pelo conhecimento recebido, como também devido a sua contribuição na construção da minha identidade; por isso, isolá-lo da trajetória pessoal não faz sentido. Entender como cheguei à academia, numa exploração de minhas memórias, minha origem, buscando quando foi o surgimento do interesse estético em práticas manuais habilidosas, é o ponto de partida deste estudo autoetnográfico¹.

Ingressei na graduação em 2012, na penúltima turma do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia. Exigiu-se atestado de Habilidades Específicas, prova que legitimou meus talentos os quais até então eu própria julgava banais, por ter tido uma infância empobrecida de criticidade; entretanto, rica técnica e esteticamente.

Início o texto expondo uma personagem importante no meu processo criativo: Maria Custódia da Silva (19/09/1929), vovó Filhinha. Minha avó paterna foi uma pessoa que exerceu bastante influência na minha primeira infância, por conta de sua culinária e de práticas artesanais que me encantavam, nas quais fui envolvida através de um processo de aprendizagem inclusivo que ensinava “fazendo junto”. Desde tenra idade tenho contato com o universo dos tecidos como campo potencial, participando de processos de seleção e combinação de sobras de tecidos para colchas de retalhos (atualmente isso possui nomenclatura sofisticada, *up cycling*). Aos seis anos iniciei na bordadura, com o ponto cruz.

Anos depois, em 2016, já universitária, num exercício da disciplina *Arte no Brasil*, cujo objetivo era fornecer meios de articulação de conteúdos diversos (para além das cronologias e classificações estilísticas) e perceber assim as relações entre Artes Visuais e o desenvolvimento geral da cultura brasileira, busquei entender a origem das práticas artesanais em minha família paterna e descobri, em uma entrevista, que a história da minha avó é marcada pelas tramas do tear.

¹ Estudo autoetnográfico é um método sociológico de pesquisa de caráter biográfico que utiliza a experiência do autor como ponto de partida para uma compreensão cultural e social mais ampla; é uma abordagem difundida no campo das Artes por ser um modo de operar o pensamento onde nos desfazemos de papéis identitários e inventamos possibilidades de estar no mundo.

Ková, como foi que a senhora aprendeu a bordar e com quem?

Eu nunca tive aula pra aprender nada. Tudo que eu aprendi foi observando os outros fazerem. Eu via os outros fazerem, prestava atenção.

Uma semana observando a Chica do Oto, pessoas que fundaram os Bálamos, observava os materiais. Só que eu não comprei a talagarça porque o meu dinheiro era pouquinho, eu comprei um saco de açúcar, branquinho! No dia seguinte fiz um pedacinho, menina, mas eu fiz idêntico, igual ela tinha feito. Foi assim que eu aprendi fazer ponto cruz. Aí eu fui treinando, treinando, treinando, no bordado eu fui treinando, eu vi a Chica fazendo e aprendi o ponto cruz e assim eu fui. Eu tinha uns quinze anos. Usava aquele fio que a gente fazia, a gente tingia às vezes, às vezes fazia dele branco. Desse jeito.

Eu fazia também ponto matiz à mão. Era um ponto que enche, da cor toda, mas você não via quase nada do lado do avesso e ele fica bem fortinho, também foi de ver os outros fazerem e observar.

A mamãe da senhora também bordava?

Mamãe fazia muito crochê, crochê eu aprendi com minha mãe, ela era brava, a gente ia perguntar, ela falava tão bravo com a gente, ela não tinha paciência de ensinar, não. Então, como a mamãe não tinha paciência pra ensinar as coisas pra gente, tudo que eu aprendi nesse mundo foi observando os outros fazerem.

Como aprendeu a costurar?

Eu aprendi a fazer calça pra homem. Naquele tempo as calças era no "tamãezim" do homem. Isso, eu era solteira, antes de 1949. A tia da mamãe era

costureira. E como que ela fazia? Ela dobrava a peça em quatro, punha em cima da mesa, então, a parte de trás tinha que ter três centímetros maior que a da frente e com isso eu aprendi a costurar na máquina. Roupa também de vestir eu dobrava em quatro e minhas costuras não precisavam de muita prova, não, era mais ou menos no tamanho da pessoa, com uma medida boa, a gente exigia uma medida boa da pessoa.

Me conte sobre a tecelagem.

Eu tecia, mamãe tecia e também nós tinha tear. Pegava o algodão na roça, ia pra roda, girava e fazia o fio. Fiava, lavava, depois tecia. O tear é pra trançar o fio. Isso é coisa da família pra trás, todo mundo tinha "essas coisas" em casa. Fazia coberta, fazia calça, roupa pra nós. Véspera de Ano Novo não tinha festa, não tinha nada, mas tinha que vestir uma roupa nova. Aí a mamãe fiava, 'cê imagina pegar aquele fiozinho, ia lá para o tear e virava pano. Fazia todo o processo.

Nesse tear a gente fazia muita coisa, a gente fazia o tecido, a gente fazia cuxinil. Cuxinil era um negócio de pôr no carro, punha dois fios e vinha daqui pra lá e tocava a roda para trás, então ele ficava parecendo linha Cléa e a gente cortava os pedacinhos no tear, e passava três, falhava dois; três, falhava dois e uencia, e jogava um cadim de cá pra lá. Ficava com um metro e meio, bonito, sabe? Tinha uns só branco, tinha uns que fazia azul só as beiradas, fazia manchado, do jeito que a gente queria.

Como vocês tingiam?

Tingia com Guarani, casca de pau, tingia de anil, um ramo que tingia de azul - o ramo era verde, mas a tinta saía azul. O processo dessa tinta, você cortava o ramo, socava dentro de uma vasilha, um pote, por exemplo. A vasilha devia ser de barro, deixava dois dias, tirava aquela bucha fora, deixava só a água e vinha com mais ramos, três vezes. Depois você ia temperar aquilo com tiquada. Tiquada era extraída das cinzas, põe a cinza numa vasilha com uma boquinha, punha água e aquilo ficava pingando, era a soda de fazer sabão antigamente, fazia muito sabão. Então, a gente punha na mão e via o ponto, ver se estava bom.

A senhora já ensinou alguém?

Não, ensinar eu não sei porque eu não aprendi com a pessoa falando comigo.

Tinha um tio, irmão da mamãe, tio Lúcio, ele tinha uma doença, eles falavam "doença da cisma": ele 'tava aqui, de repente, ele socava debaixo da mesa, porque diz que fulano ia vim matar ele. Se eu 'tivesse junto, isso desde mocinha, ele não tinha medo. Essa pessoa, esse trem não aparecia pra ele.

Nós combinamos de eu ir pra casa dele tecer, lá minha tia também tecia, eu levava meus trabalhos e ia fazer lá, enquanto isso ele me ensinava a ler, escrever.

"Eu sempre tive no meu pensamento que eu queria que o meu sáisse melhor que de todo mundo."

(Maria Custódia da Silva, 2016)

Figura 1 - Composição para colcha de retalhos feita por mim



Fonte: Acervo pessoal da autora (2014).

A bordadura em ponto cruz me despertou um profundo fascínio. É composta basicamente por criação da forma e preenchimento. A técnica disputava tempo com o brincar de casinha tão apreciado, as práticas de jogos e outras brincadeiras. Linha, agulha e fio percorrem a trama por pontos diagonais em *xis*, as formas são diferenciadas pelo contraste entre as variações tonais dos fios, figuras majoritariamente convencionais, inclusive clichês, que perpetuam essas práticas predominantemente no contexto cotidiano, dentro das moradias, como foi o caso da vovó Filhinha e a minha própria iniciação.

Figura 2 - Experimentações de tecelagem feitas por mim



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Figura 3 - Vovó Filhinha, paterna



Fonte: Acerto pessoal da autora (2015).

Figura 4 - Um exemplo de temas convencionais bordado por mim



Fonte: Acerto pessoal da autora (2015).

Outra figura de grande importância foi Apolinário Pereira de Freitas (1924 - 2014), senhor rústico, retirante, caçador, pescador, pai, avô, bisavô; meu sistemático e disciplinado avô materno. Aos 13 anos vovô saiu do Piauí – “a pé” – até Minas, onde conheceu vovó Zirê, mas firmaram residência no município de Cachoeira Dourada de Goiás, constituindo a família na qual mamãe, Leda Luiza Freitas (10/08/1968), é a caçula de nove filhos. Vovô Apolinário está presente em minha memória com sua gastronomia exótica, escuta atenta, observação precisa (mesmo com baixíssima visão devido a um dano irreversível ocasionado por glaucoma) e também por sua produção de redes de pesca artesanais imensas, horas a fio de *nylon*. Uma imagem sem registro físico (sombra da desvalorização cultural), mas viva na memória. Graças a essas influências e referências ancestrais, recebi o valor e a estima pela cultura do artesanal e as artes manuais como herança.

Figura 5 – Vovô Apolinário, materno. Desenhado por Douglas R. de Freitas (2015). Escultura para disciplina *Fundamentos Tridimensionais* (2013)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ancestralidade é a força dos nossos antepassados viva em nós. Os meus antepassados me deram a capacidade de criar e produzir com linhas e o apreço pelo artesanal; a alegria de me concentrar em uma atividade prática. Com eles aprendi o quão valioso é o que é feito pelas mãos.

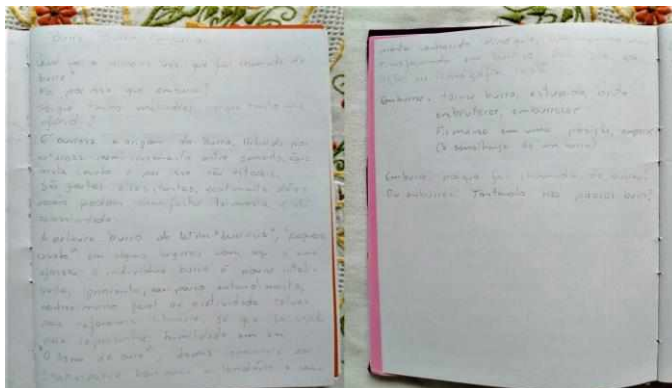
Sinto-me honrada e digna dessa capacidade e desse talento herdado, assim como da fé, outra herança benigna. Sou grata por ser quem sou, ter vindo de onde vim, receber o que recebi.

A partir do aprimoramento e do domínio dos métodos, fui ampliando o repertório para os pontos básicos do crochê, que trança o próprio fio com agulha e cria tecido; em seguida, o alinhavo e a costura à mão em roupas de bonecas, entre 8 e 12 anos; depois a costura à máquina reta em colchas de retalho e, já adulta, a experimentação da tecelagem. O aperfeiçoamento dessas técnicas junto à prática de jogos diversos, ao brincar de casinha e outras brincadeiras, inclusive com materiais não estruturados, constituíram minha formação sensível e, futuramente, práxis docente, além de treinar minhas capacidades e aperfeiçoar minha sensibilidade. Entretanto, “*Nem tudo são flores*”: essas práticas se mostraram ser instrumentos de abstração cognitiva², efeito de um analfabetismo emocional que será o fio

² Abstração é o mesmo que isolar, remover; cognição, faculdade de adquirir conhecimento, percepção; sendo assim, abstração cognitiva neste contexto é expressão usada para designar um mecanismo de não se abster dos estímulos externos à direção do foco que, nesse caso, são as práticas artesanais, os jogos e as brincadeiras.

condutor desta investigação. “*Eu não transparecia minhas dificuldades, não me sentia segura em contar minhas experiências, muito menos pedir atenção e carinho, o que me fazia estar sempre sozinha e ‘emburrada’, como todos sempre diziam*”.

Figura 6 – Fragmento escrito de pesquisa sobre o substantivo “burrice”



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Durante muitos anos da minha vida me senti um ser híbrido, um quase complexo de quimera, um ser completamente diferente dos demais, pelo fato de eu não conseguir me "enquadrar" no meio em que vivia. Sonhava que seria adotada por gente como eu, quase uma abdução. Conviver com pessoas narcisistas e abusivas gera confusões internas, isolamento, segregação. Sofrer alienação parental gera carência, crescer carente pode te tornar dependente emocionalmente ou mesmo codependente.

O devaneio com o retorno do exílio da canção de Gonçalves Dias, o momento em que seria aceita como deve ter sido o sentimento de Helena de Machado de Assis ou a da antiguidade, filha de Leda assim como eu? Como é grande o desafio de pertencimento frente à exclusão que se sente quando você não se identifica com o mundo onde vive; e romper com a reprodução padronizada de abandonos e rupturas dolorosas. Em todos os momentos eu pensei que fosse ser salva, uma fábula só minha; não fui, porque no fundo só eu poderia me salvar.

Brinquedos e jogos³ são exercícios coletivos ou solitários que demandam concentração, organização, seleção, construção, entre outros aparelhos de cognição e coordenação motora. Damas, ludo, Resta Um, Cilada, dominó, Cubo Mágico, quebra-cabeças, jogo da memória, Adedonha, sinuca, canastra, caixeta, truco, burro, paciência, castelo de cartas, Tetris, Serpente, Pac-Man, Jogo dos Quinze, Aquaplay, ioiô, Tamagotchi, Traço Mágico, Twister, Elefantinho Colorido, Balaço, Lego, Pequeno Arquiteto, Tangram, Pega-Peixe, Pega-Varetas, Detetive, jogo da velha, forca, cruzadinha, caça-palavras, palavras cruzadas, sete erros, sudoku, labirintos e também construção de bijuterias com miçangas são exemplos do instrumentos de abstração, distrações mentais às quais me referi. Por propiciar intensa concentração, como um mergulho profundo na direção da solução, resolução ou conclusão de um objetivo pragmático, proporcionam estados meditativos; eram recursos de escape para o estado de entropia interna, ambivalência e amor interrompido, por consequência, serviram como guia a produções durante a graduação.

Meus pais se separaram quando tinha dois anos. Sofri tanto que fui internada em estado grave sem diagnóstico aparente. Assinando um termo de responsabilidade, meu pai me levou no benzedeiro, seu Vicente, próximo de casa, que de cara já sabia, "espinkela caída" era o que eu tinha. Rezas, banhos e chás foram feitos e a cura desse mal me veio.

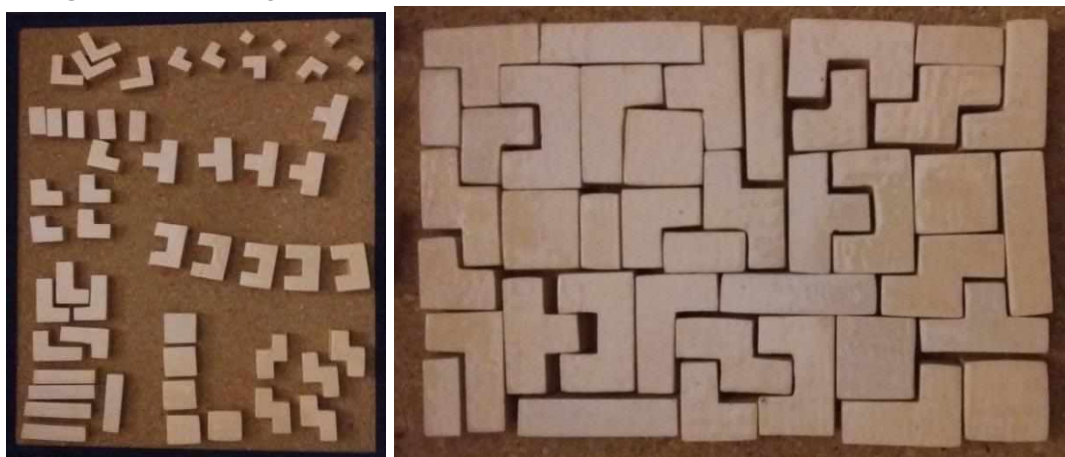
Resolveram tentar novamente uma relação mais dois anos e não teve solução. Não tive mais doença, mas, feliz, satisfeita e completa eu não era. Sentia-me abandonada, solitária, triste e rejeitada, pensamentos fabulosos de uma mente de criança fascinada. Jogos, brincadeiras e técnicas eram uma válvula de escape, passatempo, alívio ao estresse de uma tristeza suscitada.

³ "Jogos" é um termo do latim "jocus", que significa brincadeira, divertimento; são atividades dinâmicas estruturadas de estimulação mental, física ou ambas que envolvem o(s) sujeito(s) jogador(es) e as regras que definem a partida dentre um certo número de características como objetivo, interatividade e competitividade, condições de vitória, derrota, empate, etc.

Alguns trabalhos, durante a graduação, foram feitos com referência aos jogos. A seguir, algumas imagens que retratam essa afeição (Figuras 7 a 9). Em menção aos jogos de montar: Tetris, Tangram e O Pequeno Arquiteto, moldei em cerâmica e concreto celular blocos de encaixar conforme a interação do observador (Figuras 7 e 8); uma possível interpretação, em um paralelo à vida, é razoável afirmar que eles representem aspiração por estabilidade, estrutura sólida, ou mesmo uma barreira de proteção, impedindo que as coisas aconteçam na vida.

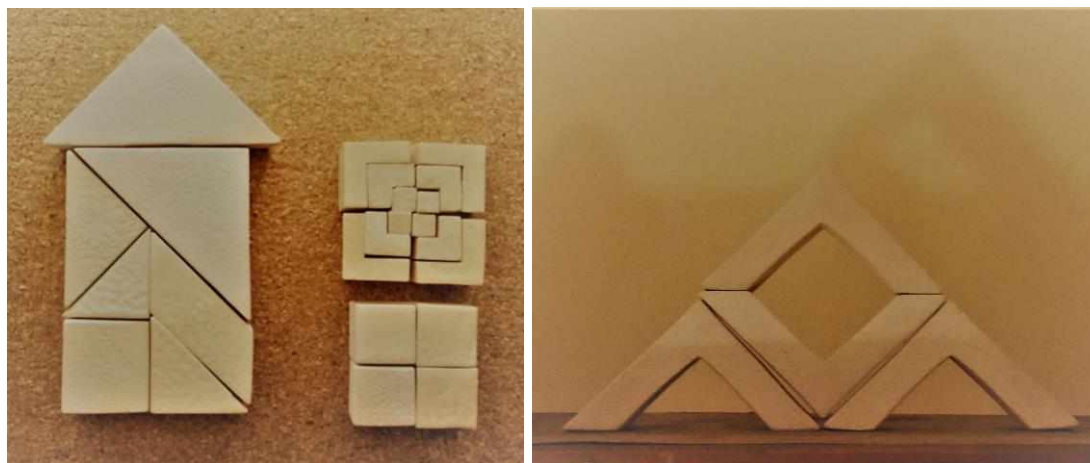
Na perspectiva de proposta interativa, elaborei também um jogo de cartas (Figura 9), na dinâmica do jogo da memória, cujas imagens são trabalhos figurativos, também realizados durante a graduação, que ultrapassaram fronteiras técnicas, reverberando em outras linguagens; um trabalho significativo explorado mais à frente.

Figura 7 – Modelagem com técnica de rolo em cerâmica marfim, *Ateliê de Cerâmica*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2018).

Figura 8 – Fotografias editadas de peças moldadas para a disciplina *Cerâmica* e esculpidas em concreto celular para a disciplina *Escultura*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2014).

Figura 9 – *Sombra da Memória*, para *Ateliê de Fotografia*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

Na sequência, fotografias pessoais de momentos lúdicos nos quais brinco, incentivo e estímulo meu filho, Bento Lemes Silva, nascido em 03/02/2011, criativamente em atividades com materiais não estruturados (Figuras 10 a 12); e um registro de um encontro que ocasionalmente acontece na minha família paterna, para jogar canastra (Figura 13).

Figura 10 – Castelo de cartas, torre de lápis e construção com blocos de concreto soltos, na velha pracinha



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016-17).

Figura 11 – Fogueira, asas de papel colorido a giz e modelagem de observação



Fonte: Acervo pessoal da autora (2015-16).

Figura 12 – Dente-de-leão e tentativa de abertura de coco



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

Figura 13 – Encontro ocasional de jogo canastra



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Aos 12 anos cursei desenho e pintura no ateliê da escola, porém, um exercício do olhar, sem grandes reflexões críticas, como pode ser visto no registro da Figura 14. Nessa época ainda eram comuns as máquinas fotográficas simples, nas quais apenas se fazia o disparo. A imagem não ficou boa, provavelmente por um defeito do filme ou um erro na revelação. Pode ser também um defeito na câmera já defasada, entretanto, uma recordação que me traz alegria, pois marca minha introdução institucional no campo das Artes Visuais e me recorda o apoio que recebi e recebo da família e dos amigos nessa trajetória.

Figura 14 – Fernanda Rezende Pires e eu exibindo a minha primeira pintura, *Tulipa*, para mostra cultural de final de ano da Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha – Uberlândia-MG



Fonte: Acervo pessoal da autora (2002).

Somente quando o passado deixa de perturbar e as expectativas do futuro não são aflitivas é que o ser se une inteiramente com seu meio e, com isso, fica plenamente vivo. A arte celebra com intensidade peculiar os momentos em que o passado reforça o presente e em que o futuro é uma intensificação do que existe agora. (DEWEY, 2010, p. 82).

Oração da Libertação

Eu liberto meus pais do sentimento de que já falharam comigo.

Eu liberto meu filho da necessidade de trazer orgulho para mim; que possa escrever seus próprios caminhos de acordo com seu coração, que sussurra o tempo todo em seus ouvidos.

Eu liberto meu parceiro da obrigação de me completar. Não me falta nada, aprendo com todos os seres o tempo todo.

Agradeço aos meus avós e antepassados que se reuniram para que hoje eu respire a vida.

Libero-os das falhas do passado e dos desejos que não cumpriram, conscientes de que fizeram o melhor que puderam para resolver suas situações dentro da consciência que tinham naquele momento. Eu os honro, os amo e os reconheço inocentes.

Eu me desnudo diante dos seus olhos, por isso, eles sabem que eu não escondo nem deixo nada além de ser fiel a mim mesma e à minha própria existência, que, caminhando com a sabedoria do coração, estou ciente de que cumpro o meu projeto de vida, livre de lealdades familiares invisíveis e visíveis que possam perturbar minha Paz e Felicidade, que são minhas únicas responsabilidades.

Eu renuncio ao papel de salvador, de ser aquele que une ou cumpre as expectativas dos outros.

Aprendo através, e somente através, do AMOR, eu abençoo minha essência, minha maneira de expressar, mesmo que alguém possa não me entender.

*Eu entendo a mim mesma, porque só eu vivi e experimentei minha história;
porque me conheço, sei quem sou, o que sinto, o que eu faço e por que faço.*

Me respeito e me aprovo.

Eu honro a Divindade em mim e em você... Somos livres.

(Autor desconhecido)

Figura 15 – Papai, Osvaldino Lemes da Silva (26/10/1964), ao lado de sua segunda esposa, Eliana Gomes Ferreira Lemes (16/07/1974), praticando crochê



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017).

O TERMO “ARTE”: INTRODUÇÃO E VÍNCULO NAS ARTES VISUAIS

Até aquele momento, não havia sido mencionada a palavra "arte" na minha vida, apesar da convivência com meios de expressão potentes. A ausência do termo "arte" pode ser devida a certa educação que tive. Cursei todo o ensino fundamental e o médio em escola pública, contexto no qual a arte era usada para ilustrar livros didáticos e literários, desenvolver a coordenação motora fina, colorindo desenhos estereotipados, e aprendendo sobre dobraduras e a multivariada das formas geométricas (sem minimizar a potência dessas formas), ou seja, frutos (um tanto distorcidos) das influências de uma Escola Nova⁴ mal compreendida na educação artística. O termo “Arte” surgiu uma década depois em minha vida, numa outra realidade, com uma protagonista adulta, mãe, esposa, dona de casa, educadora, entre outros tantos papéis sociais representados, respostas às demandas relacionais humanas.

Bento tinha apenas um ano de vida quando entrei na faculdade. Nessa idade, um bebê necessita de atenção exclusiva. Devido a uma greve que paralisou a UFU por alguns meses, enfrentei os desafios de ser uma jovem mãe universitária no ano seguinte, efetivamente. Mesmo tendo apoio da família, o que contribuiu para meu ingresso e vínculo institucional, houve momentos em que tive de faltar, fui reprovada; houve períodos em que tive de levá-lo comigo, sendo inclusive tratada com hostilidade – na época, não dispunha de recursos emocionais nem empoderamento suficiente para dialogar nem expor as circunstâncias e simplesmente me senti ofendida. Ser mãe universitária é uma condição desafiante que deveria ser mais considerada, para além da oferta de bolsas para mães.

⁴ Escola Nova foi uma corrente pedagógica de renovação do ensino com origem no séc. XIX, na Europa e nos Estados Unidos, disseminada no Brasil nas décadas de 1950/60, que questionava a passividade do aluno e deu ênfase à expressão subjetiva e individual, na qual o sentimento se sobrepõe ao intelecto, o psicológico ao lógico, o interesse ao esforço, a espontaneidade à disciplina, a qualidade à quantidade.

A-costumar

Treinei a mim mesma calar desejos, vergonhas, traumas, perguntas, abusos, violações, segredos, negligências.

Uma sequência de fatos não digeridos, nem relatados, transformados em permissividade, medos, aspirações controversas. Não é simples saber o que se quer quando sempre se tentou atender ao outro, prever o desejo do outro, compreender o comportamento e os movimentos do outro antes de sequer entender e ser o que se é.

O medo priva, limita, esconde, corrói e gera desconexão de si para consigo. Quantas dores escondemos de nós mesmos. Assim nos acostumamos a não ser quem somos, não saber o que queremos, não dar contornos a nossas margens.

Apropriei-me do conceito "rústico" para justificar minha incapacidade de concluir de maneira justa, sincera e amorosa diferentes fatos em diferentes momentos da vida. Vestida com a armadura de arrogância que não me permitia perguntar o que não sabia, desenvolver e explorar minha própria visão crítica que tanto me custa.

Cada um constrói sua própria teia de verdades, falsas verdades, medos e desejos.

Ao longo do curso me apeguei a aspectos formais da Arte: ponto, linha, plano, criação da forma, gêneros, círculo cromático e teoria das cores; e passei a criar mesclando esses conceitos com as práticas e técnicas artesanais, tornando-as "mais acadêmicas", criando, com matérias-primas do cotidiano ou acessíveis, composições abstratas e figurativas bidimensionais e tridimensionais que indicam, através de sinais, minha subjetividade. Conforme as proposições me eram solicitadas, eu as produzia mecanicamente, com base em

referências do cotidiano que me interessavam formalmente. Esses trabalhos revelam os conteúdos internos de como eu me sentia, por isso, refletem meu inconsciente.

Se o simples e trivial pra mim é meu campo de potencialidade, significa que pode ser para outras pessoas também, haverá sempre quem aprecie e quem estranhe. Gostar de criar com técnicas artesanais não é inferior nem menor, descontextualizar esses objetos para mim é transcendê-los como meio técnico.

No trecho a seguir trato das conexões entre a Arte e a vida através de uma ilha construída como proposta da disciplina de *Escrita Criativa* (2020). Saí de uma congestão diagnosticada como síndrome da artista incompreendida, já que muito sentia e pouco dizia. Alcancei a proeza de elaborar experiências, traduzindo em palavras emoções vivenciadas como meio de ressignificar, dar um novo significado às dores, exercitar o estado de presença, alargar os horizontes, destravar a imaginação, movimentar e colar os cacos da memória; transitar entre o mundo interior e o exterior e dar forma ao que antes eram sensações “ignoráveis”. Expurgar para então lambe as feridas. Diferencio-me através da aceitação corajosa dos confrontos internos. Meu processo de individuação é fortalecido graças aos problemas resolvidos que continuamente se apresentam, sem descanso, para então esquecer – que é mais difícil que lembrar. Tomo consciência dos condicionamentos, posso escolher fazer diferente, tomar o controle da narrativa e corroborar, me tornar inventiva, desenvolvendo minhas virtudes e meu potencial humano; meu renascimento.

A Ilha Secreta

Venho protelando esse encontro durante muito tempo, toda minha vida, na verdade. Espalhar escritas de lugares em mim indiscriminadamente se tornou um hábito corriqueiro estranhamente perpetuado (des)confortavelmente.

Tenho múltiplas curiosidades, a mais intensa é descortinar meu interior e, por entre vários caminhos ocultos, eu sigo perseguindo essa intenção de maneira autodidata. Vou considerar que teve de ser assim, que tive de descrever, escrever, escutar o coração, dissipar a ignorância, mover para fora do corpo em cartas direcionadas ao fogo.

Na contação da minha história descubro qual lugar preciso me apropriar ou (re)historiar dores profundas, sentimentos escritos, universais e enxergar a beleza do fracasso.

Podem meus rebentos, descobri que meu próprio olhar é o único que pode fazer real sentido e, assim, a passagem do encontro com a Ilha Secreta ganhou brilho.

Tais palavras são a instalação da primeira ponte de acesso que liga minha mente à manifestação propriamente dita, interior/exterior. A Ilha que deu forma ao que as pontes testemunharam em minha mente, meus sentidos, sentimentos. Não sei exatamente quantas pontes serão necessárias, talvez eu construa uma jangada; pode ser que eu encontre um tapete mágico dentro de algum baú escondido; quem sabe um elevador? Não há limites nesse tempo/espaço único, porque a Arte é incontornável.

Além dos textos propostos na disciplina, denominados “criativos”, autorizei-me expor escritos íntimos de testemunho mental, em um ato de abandono ao ego e generosidade comigo mesma, numa espécie de cura psíquica, e aproximando o interlocutor da complexidade e da singularidade do meu percurso. Fotografias, textos autorais soltos e outros textos que considero pertinentes têm o propósito de ilustrar este relato e complementar o discurso de maneira imaginativa.

Cada Um

Cada um dá o que pensa.

Cada um cede o que tem.

Cada um encontra o que procura.

Cada um recolhe o que semeia.

Cada um aprende o que estuda.

Cada um dispõe do que entesoura.

Cada um permanece onde se coloca.

Cada um realiza o que imagina.

Cada um mentaliza o que sente.

Cada um faz o que deseja.

Cada um recebe conforme pede.

Cada um se mostra finalmente por fora como age por dentro.

Cada espírito é um mundo por si.

Cada coração é continente diverso da vida infinita.

Cada propósito é uma força.

Cada anseio é uma oração.

Cada atitude é uma causa.

Cada resolução é um movimento.

Cada existência é um livro original.

*Cada gesto é uma semente que produz sempre segundo a natureza que lhe é
própria.*

(Francisco C. Xavier/André Luiz)

As atividades desta matéria me concederam autonomia intelectual, uma verdadeira emancipação, pois possibilitaram uma escrita despreocupada, diferente da escrita rígida que pratiquei durante os sete longos anos de percurso na graduação; foram textos extremamente tecnicistas, metódicos, frios e distantes da experiência de vida. Tal escrita até então não permitia o acesso à minha subjetividade e, como sequela, com meu objeto de pesquisa, resultando em três tentativas fracassadas de finalização de curso e um novo vestibular (2017) para evitar o jubileamento.

Essa escrita rígida era o reflexo de uma postura (caráter) também enrijecida. Hoje, madura, percebo os sintomas dos fatores psicológicos⁵ sabotadores como: síndrome do impostor, complexo de inferioridade, autoassédio, autocastração, autorrejeição, perfeccionismo, negação; assim como sensação de inadequação, invalidação, não capacidade, culpa, vergonha, vitimização, desnorreamento, etc.; eu me sentia burra, um completo vazio existencial me dominava na graduação, pela ideia errônea que tinha sobre o rigor científico academicista de pesquisa, os conceitos e regras que permeiam o formato de um trabalho de conclusão de curso me paralisaram – “hoje sei que era medo de encarar minhas próprias sombras”. Estudos sobre autoetnografia, pesquisa baseada nas artes, art/o/grafia também me fizeram sentir contemplada, pois teorizam sobre esse bloqueio e respaldam esse tipo de investigação a qual vos apresento, uma escrita narrativa, fluida, tendo a mim mesma como tema.

Perdoe-me pelos erros que cometi, eu não sabia ser ou fazer diferente. Hoje sei, e começo do zero. Linha e agulha na mão pra remendar retalhos plásticos, feridas, impotências e glórias. Um ciclo de crescimento, expansão e descobertas.

Peço-me desculpas pela inocência infantil na maioridade, amadorismo, idealização. Crescendo gradualmente, "humildeço", me ajusto à realidade em aceitação. Retomo a erudição, o lirismo de uma vida feita à mão.

⁵ Fatores psicológicos são aspectos de comportamento e traços de personalidade, conteúdos de conhecimento empírico da autora diante de terapia e interesse pessoal sobre conhecimentos teóricos psicológicos diversos.

Não preciso ser perfeita, aceito as duas partes de mim mesma, a que acerta e a que erra, a que aceita e a que reluta, a que experiencia e a que automatiza, a que se expressa e a que se cala, a que se entrega e a que se joga; reunidas coesamente, atenta ao redirecionamento da alegria de voltar para o lar em si. Em honra às minhas emoções e sentimentos como parte do meu próprio processo de luto e cura.

Alguns entenderão, outros, não. Calmaria e ação fazem parte do fluxo. Adiante.

No nono ano de curso, apesar das altas habilidades motoras e do processo contínuo de construção de criticidade e aprendizado, tive muita dificuldade em definir e defender este trabalho de conclusão que já passou por várias construções, desconstruções, reformas, mudanças, reinvenções e reconfigurações de conteúdos. Sofri pelo anseio de construir um raciocínio inteligente, coerente que interligasse meu campo latente às pessoas, de forma a melhor distribuir esse conhecimento aprendido e assim devolver minha educação para a sociedade da maneira mais apropriada possível. Acredito que toda essa peregrinação teve como objetivo este trabalho o qual escrevo, que reverencia minha herança ancestral, valoriza a precedência da minha história de vida⁶, reflete sobre minhas deficiências, aptidões, produções e ressignifica minha experiência.

Admitir meus interesses e encarar minhas próprias falhas foi um desafio que demandou coragem; encarar os medos de rejeição e o medo da crítica mexe com partes nossas que não acessamos normalmente - e assusta.

Muitas crenças e o automatismo emocional dificultam o sujeito de se olhar com carinho, se dar atenção e colo, entender seus gatilhos e sombras: "Se observo os aspectos das imagens com tanta criticidade, os outros vão olhar assim para os meus também, se corrijo o outro em pensamento, não me corrigir também.", nos

⁶ História de vida é um procedimento de investigação adotado pela Sociologia e pela Antropologia que recolhe dados biográficos de uma ou mais pessoas como fonte de principal de informação, de acordo com os critérios preestabelecidos pelo pesquisador.

colocando sob padrões elevados e inatingíveis que minam nossos sonhos, nossa autoestima, nossa coragem de encará-los como aceitáveis, tanto quanto aquilo de que fazemos parte.

Entender o que me movimenta e também aqueles objetivos íntimos de comunhão com o todo é um processo, no meu caso, foi alinhavando as partes expostas de um processo de autoconhecimento factível por uma Arte arrebatadora.

Figura 16 – *Portal* - colagem (2015); *Portão* - bordado espontaneamente (sem gráfico ou desenho prévio) sobre um retalho enviesado de linho (por isso sua modulação) (2018); e *Portal em Linogravura*, para disciplina *Xilogravura* (2014)



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Minha visão crítica foi construída durante o curso, aos poucos, a partir do contato com trabalhos de Arte, para mim, sinônimos de portais – como os das imagens da Figura 16 –, que acessaram conteúdos internos e respaldam minha atuação na vida. Decorrente disso, tornou-se relevante esta contextualização.

Variando as referências

Numa certa parte da ilha, sob um jovem ipê-branco recém-florido onde cintilavam os raios do sol, repousava uma cômoda excêntrica. Revestida de mapas com diferentes escalas de regiões desconhecidas, ela possuía gavetas disformes com puxadores singulares. Hesitei em conferir seu conteúdo, olhei o entorno na tentativa de entender o motivo desse exótico móvel materializado naquele território. Intuí de abrir a gaveta do meio, motivada emocionalmente pelo equilíbrio entre as partes, segurei seu puxador redondo de cerâmica marfim esmaltada com firmeza e encontrei um caos.

Amostras soltas, escritos, ferramentas, materiais, gráficos, imagens, junto a retalhos e pedaços de fitas. Em meio a esse caos havia uma pedra na forma de coração humano desconcertantemente realístico. Um pânico brotou dentro de mim e possuiu todo o meu corpo. Sem identificar o significado de tudo aquilo estar junto. Tomei como missão desvendar esse mistério. Destaquei a gaveta do móvel e coloquei-a sobre o chão coberto por folhas secas retorcidas que rolavam sob a influência do vento. Sentei-me junto e fitei a essência de cada fragmento presente antes de começar a triagem. Quanta memória bagunçada!

Tudo ali dizia de um universo prosaico, agulhas, tesoura, bastidor, tear, fios de diferentes cores e espessuras, tecidos, círculos crochetados, desenhos, bordados começados em pontos, linhas, planos, formas, rosas, palavras e símbolos diversos. Aos poucos fui reconhecendo, demorou, confesso, até que observei uma foto: uma senhora sentada em uma poltrona e uma menina curvada, atenta ao que a dona manipulava. De repente, a fotografia ganhou ação, a senhora passou o que

segurava à menina, que recebeu como algo precioso, num suspiro profundo, e sentou-se. Sem mais nem menos, a garota virou seu olhar para o meu. Num mix de arrepios e sensação gélida em minha aura, apavorei-me: aquela menina era eu; a senhora, minha avó que, na cena, me ensinava a bordar. Como não havia me dado conta?? Tudo ali dizia de mim.

Águas salgadas escorreram em minha face. Custou para encontrar o fio da meada: enrolada em satisfazer o que pensava ser o que esperavam de mim, me perdi nos nós emaranhados da vida. Ordenar essa gaveta, ou melhor, montar esse quebra-cabeça, serviu para reconhecer minhas referências e legitimar algo fundamental em minha vida que é me comprometer em fazer coisas significativas que envolvam emoção no processo, uma chave de conhecimento.

Por fim, tomei aquele coração/pedra em minhas mãos, fechei os olhos e segurei-o intencionando conexão. Senti um líquido escorrer entre meus dedos, abri os olhos: sangue. Nesse instante o coração ganhou vida e se iluminou, de dentro dele surgiu uma chama violeta brilhante e em fração de segundos ele explodiu, transformando o sangue escorrido num líquido reflexivo. Olhei fundo nos meus próprios olhos e firmei um propósito: jamais sacrificar meu coração, abafar meu âmago, corromper minha substância e apagar minha história, pois, sem ela, nada sou. Nesse instante as flores do ipê começaram a se soltar e cobriram a cena, como um amoroso sinal de catarse.

Dentre esses trabalhos “Portais”, destacam-se *Interculturalidades e estética do cotidiano no ensino das artes visuais* (2000) de Ivone Richter, a filosofia estética pragmatista de Jonh Dewey em *Arte como experiência* (2010) e Richard Shusterman em *Vivendo a Arte*, (1998). Richter (2000) trata de educação e pertencimento através de um ensino das artes que legitime práticas artesanais culturais, com o exemplo das já mencionadas: crochê, bordado,

costura, entre outros tipos de produções que ocorrem “na cozinha de casa”, nos espaços domiciliares, de forma a aproximar a Arte da vida; tema elaborado por Shusterman (1998) que investe na emergência da expansão do conceito de Arte para além da apreciação platônica elitista (como já citado), tendo como base também as ideias de Dewey (2010), que, nesse panorama, inova por trazer a dimensão afetiva e o prazer contido nas ações corriqueiras cotidianas como meio de diminuição do distanciamento entre a Arte e a vida cotidiana, não minimizando sua importância, mas sim, numa democratização da Arte.

Richard Shusterman (1998) reflete sobre o paradoxo das correntes filosóficas estéticas analítica e pragmática para o desenvolvimento de uma emergente estética contemporânea, de forma a reconhecer teoricamente a cultura popular, no intuito de uma nova visão mais justa da Arte. Para Shusterman (1998), a filosofia pragmática surgiu como “um instrumento que me ajudou a incorporar novamente a cultura que me formara e que se apresentava então a meus olhos tão desconcertante e estimulante e nova.” (SHUSTERMAN, 1998, p. 17). Num panorama cronológico, nos apresenta a evolução da Arte como conceito para além das práticas restritas às Belas-Artes.

É evidente que a experiência estética não se limita ao domínio da prática artística historicamente estabelecida. Ela existe, em primeiro lugar, na apreciação da natureza, inclusive nesta parte da natureza que é o corpo humano. Mas nós também a encontramos em rituais e no esporte, nas paradas, nos fogos de artifício, na mídia da cultura popular, na ornamentação doméstica e corporal, de tatuagens primitivas e pinturas rupestres a cosméticos contemporâneos e decoração de interiores e, com certeza, nas inúmeras cenas cheias de cor que povoam nossas cidades e embelezam nossa vida cotidiana. (SHUSTERMAN, 1998, p. 38).

Referindo-se à distinção de Kant quanto à arte platônica em oposição ao “artesanato” e à crítica de Dewey sobre essa diferenciação, Shusterman considerou que “a arte foi deixada de quarentena” (SHUSTERMAN, 1998, p. 45).

A divisão nítida que se estabeleceu entre belas-artes e profissões produtivas repousa sobre uma oposição fundamental entre a prática e a estética que necessita ser questionada. Não há dúvida de que os trabalhos práticos possam ser executados e apreciados esteticamente (basta pensar em hobbies como marcenaria, a cerâmica, a pesca), assim como os esforços estéticos podem servir a fins práticos (o amor romântico, os cultos religiosos, as cerimônias sociais e assim por diante). A suposta oposição entre prática e estética, se não é simplesmente um preconceito residual das diferenças de classe (entre uma classe trabalhadora, muito submersa num trabalho penoso para saborear as coisas esteticamente, e uma classe ociosa, distante da vida prática e dedicada aos prazeres nobres), baseia-se então no fato de

interpretarmos erroneamente a distinção funcional entre os meios e os fins como uma divisão fundamental ou uma oposição natural. Confundindo os meios com meras condições causais de um fim, supõe-se, falsamente, que aquilo que serve como meio não pode ser livremente escolhido e apreciado como um fim; quando, ao contrário, seria necessário reconhecer que os meios podem perfeitamente ser saboreados enquanto um aspecto que contribui ao fim a que servem. (SHUSTERMAN, 1998, p. 41).

A reflexão nestes estudos me fez perceber a importância de um ensino de Artes que explore a subjetividade, a cultura e a interdisciplinaridade como combatente ao embotamento, que, por ser alienante, não permite ao sujeito valorizar seu próprio referencial, como foi o meu caso durante muito tempo. Discorrer sobre a Arte em minha própria trajetória é refletir sobre a experiência, o aprendizado e o ensino, fiar esse percurso me faz pensar práticas e dinâmicas educacionais potentes com conteúdos que subsidiem a vivência dos sujeitos, que possibilitem o ingresso e acesso aos significados intrínsecos. O que é possível fazer para diminuir o distanciamento das pessoas com elas mesmas? Com suas origens? Como fazê-las valorizar seu repertório próprio de experiências, sua própria história? Talvez a Arte possa fazer essa ponte para outras pessoas como fez para mim, ligando percepções a significados.

Integrar evidências

O outro é professor, sendo reflexo de mim mesma

Defino-me a partir da minha própria percepção

Sou a única coisa sem a qual não vivo

Moro em mim. Minha pele me toca

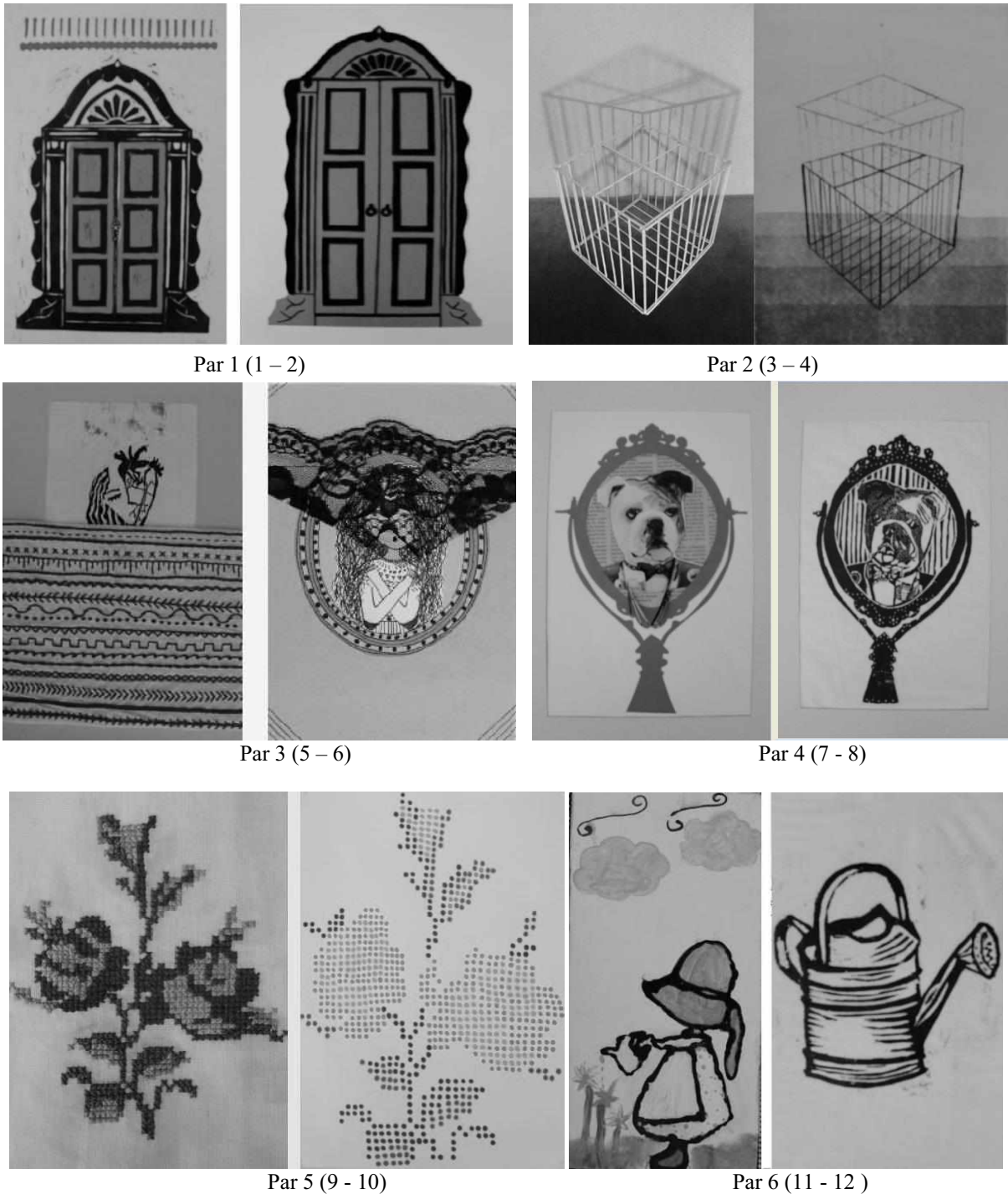
*Vivi o luto da morte de quem pensei que fosse
Em honra às cicatrizes
Aprendi a apreciar as partes de que sentia vergonha
Deixar a mente racional um pouco de lado e mergulhar no universo do sentir
Crítico interno, diálogo mental incessante só assisto, não avalio
Integrar as partes que me completam num ato subversivo
Faceira, ligeira, genuína, geradora, deusa, libidinosa, autêntica
Escolho caminhar inteira suficiente, sem a capa da invisibilidade ou da
[arrogância, não sou mais clandestina
Disposta a abraçar minha totalidade, dualidade, dicotomia, multiplicidade.
Aproximo-me da legítima experiência de liberdade
Radical aceitação, rendição, deleite
Desfruto do precioso agora, vida vívida vivida
Amo Rosa, permitido expressar a minha verdade.*

TRAVESSIA INVISÍVEL POR TÉCNICAS SEM FRONTEIRA

Algumas produções marcaram meu percurso na graduação, não apenas como experimentação técnica, mas porque elas, de alguma forma, me proporcionaram uma experiência significativa. São, na maioria, exercícios imagéticos que extrapolaram a técnica inicial proposta e acabaram por convocar outras técnicas, tornando-se trabalhos de técnica mista, o que avalio ser outra característica acentuada na minha trajetória universitária. As imagens estampam minha inclinação por padrões compositivos organizados simetricamente e representam um movimento de atividade estética e, por conta de suas motivações aleatórias, *“considero ser um conteúdo interno semelhante a um sonho o qual não controlamos”*, de autoconhecimento profundo, ou seja, avalio refletirem meu inconsciente. Concomitantemente às descrições trago possibilidades interpretativas, pós-observação, a partir da contribuição de conhecimentos adquiridos, dentre diversas áreas, sobre a simbologia das formas.

Sombra da Memória – trabalho já mencionado anteriormente por conta de sua referência a minha afeição por jogos – possui características figurativas expressivas notáveis para além da dinâmica lúdica. Esse trabalho teve como objetivo primário registrar alguns dos meus trabalhos afora um portfólio; teve por particularidade possuir pares semelhantes, não iguais, em sua maioria figuras que foram produzidas em sequência, o que pode gerar estranhamento e busca por entendimento. A investigação para a construção desse jogo foi um trabalho introspectivo de valorização das escolhas e reflexões acerca das imagens registradas, suas motivações e resultados (planejados e executados).

Figura 17 – Sombra da Memória – um trabalho de pares semelhantes, realizado em diversas disciplinas da graduação



Fonte: Acervo pessoal da autora, sendo: 1 - Linogravura para disciplina *Xilogravura* (2014); 2 - Colagem para *Estágio Supervisionado II* (2015); 3 - Fotografia cubo de espeto para a disciplina *Fundamentos Tridimensionais* (2013); 4 - Gravura em metal (2014); 5 - Xilogravura (2014) e bordado livre, composição para *Materiais Expressivos* (2014); 6 - Desenho e colagem, composição para *Materiais Expressivos* (2014); 7 - Fotografia (2013) e colagem para *Criação da Forma* (2013); 8 - Xilogravura (2014); 9 - Bordado ponto cruz (2016); 10 - Gráfico pontilhado (2016); 11 - *Apropriação* (2016); 12 - Xilogravura (2014).

Na Figura 17, o Par 1 representa portas fechadas, cuja motivação foi uma escultura de madeira entalhada que apreciei. Simbolicamente, portas representam travessia, passagem entre dois espaços, ou duas situações, isto é, possuem a característica de revelar algo: fechadas, podem simbolizar segredos ocultos, proibições, inutilidade, recusa, negação, rejeição, *“portas que não se abram podem significar caminhos que não são seus”* (autor desconhecido). Suspeito que elas representem um pouco de cada um desses aspectos em maior ou menor grau quando foram produzidas. Esse tema foi tão significativo que, nessa época, tatuei no braço a hachura de uma menina frente a uma porta (Figura 18), ilustração relacionada ao dizer: *“Pedi e dar-se-vos-á; buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á.”* (BÍBLIA, Mateus, 7:7, p. 1188). Essa passagem fez sentido para mim, *acredito que para se conseguir o que se deseja é necessário um movimento, uma ação ou intenção, como, por exemplo, esta escrita a que me dedico, que trará a finalização do curso que tanto almejo.* Na Bíblia, “porta” significa “a entrada do céu”.

Figura 18 – Tatuagem feita em 2014 a partir de ilustração de livro de Joan W. Anglund



Fonte: ANGLUND, Joan W. *Um livro de belas palavras* (1965). Tatuagem: acervo pessoal da autora (2014).

Continuando a comentar sobre a Figura 17: as representações de um cubo ultrapassaram quatro técnicas, são imagens que formam o segundo par. A proposta inicial foi construir um objeto com espetos. Motivada pela simetria, optei por fazer um sólido composto de seis faces de igual tamanho, formando um hexaedro, com os palitos de espeto distribuídos igualmente – o resultado poderia ter-se tornado uma luminária, se não fosse sua estrutura vulnerável. Em seguida fotografei, desenhei e, por último, gravei sobre uma placa de cobre.

Cubo simboliza estabilidade, perfeição, sabedoria, verdade; de certa forma lembra também uma jaula, que é sinônimo de cadeia, gaiola, prisão – é possível que indiquem um ideal a ser alcançado.

O terceiro e o quarto par representam negação à autoimagem. Na imagem 5 a gravura de uma face feminina, aparentemente ferida, dormindo coberta, num estado quase letárgico: o cobertor simbolicamente representa proteção; penso que ela representa tanto *a dor e a delícia* da zona de conforto, como a necessidade ou o desejo de se sentir protegida. Seu par foi a tentativa de um autorretrato: eu com os braços sobre os ombros e a face coberta por renda, dificultando a visão da expressão facial (como as viúvas usavam nos velórios de antigamente), a posição transmite a mensagem de pouca confiança, sinal de desconforto; claramente representa luto, acredito que em relação às partes putrefatas da psique e também por relações íntimas rompidas.

Figura 19 - Pontos bordados em moletom por mim e eu vestida com o moletom, referências da “tentativa de autorretrato”



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

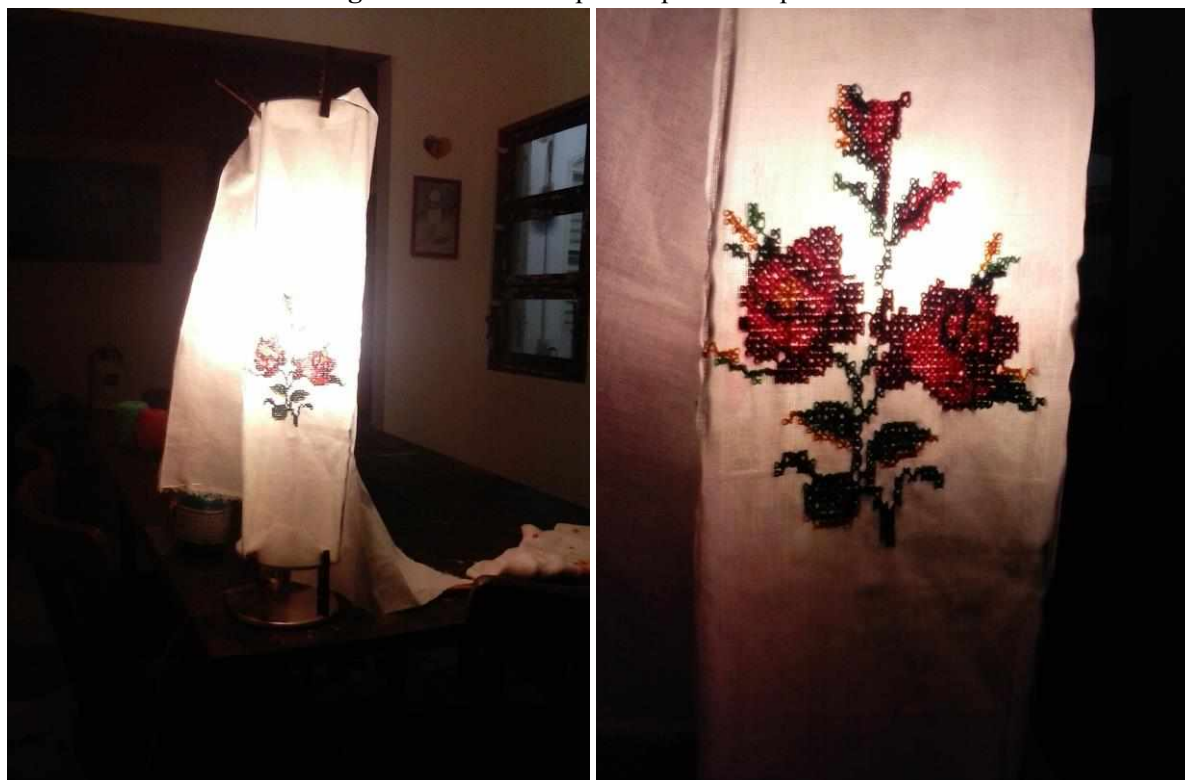
As imagens 7 e 8 (Par 4) têm como princípio a fotografia de um cabide que possuía uma cabeça de cachorro da raça buldogue vestindo um *smoking*. Essa imagem ganhou os contornos de um espelho de mesa antigo e fundo de jornal; logo essa composição se transformou em uma xilogravura. Espelhos revelam a realidade aparente, refletindo-a de forma invertida; simbolicamente, representam pureza, verdade, sinceridade. Como o reflexo do espelho é um cão trajado, creio que também represente falta de identificação e de reconhecimento do *self*.

Ainda na Figura 17, no Par 5 a imagem 9 é um conjunto de rosas bordadas em ponto cruz (feito para a cúpula de um abajur); a 10, o gráfico deste bordado feito com a técnica e o conceito do pontilhismo e a teoria das cores. No último par da série, a imagem 11 é uma apropriação, uma tela de uma menina regando flores encontrada na rua, e a 12 é a xilogravura de um regador. Flores representam a demonstração máxima de beleza da natureza, simbolizam vida, pureza, bem-estar, energia, cura, amor; regador: esperança, ganhos e crise sentimental. Acredito que os pares 5 e 6 representam uma perspectiva de melhorias na vida, esperança.

*"Quem não tem jardins por dentro não planta jardins por fora,
nem passeia por eles."*

(Rubem Alves, 2003)

Figura 20 - Bordado para cúpula feito por mim



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

"Olhando do jeito certo, você verá que o mundo todo é um jardim."

(O Jardim Secreto, 1993)

Outra série de imagens que também possui características figurativas significativas é o trabalho *Ditos Ilustrados em Tacos*, um exercício expressivo realizado em grupo de três participantes, no qual Laura Jager, Gláucia Queiroz e eu elegemos três ditados populares cada uma, para ilustrar e gravar sobre velhos tacos de madeira de demolição. O trabalho foi finalizado com a gravação dos “ditos” por meio da impressão das letras da máquina de escrever, como é demonstrado na Figura 21.

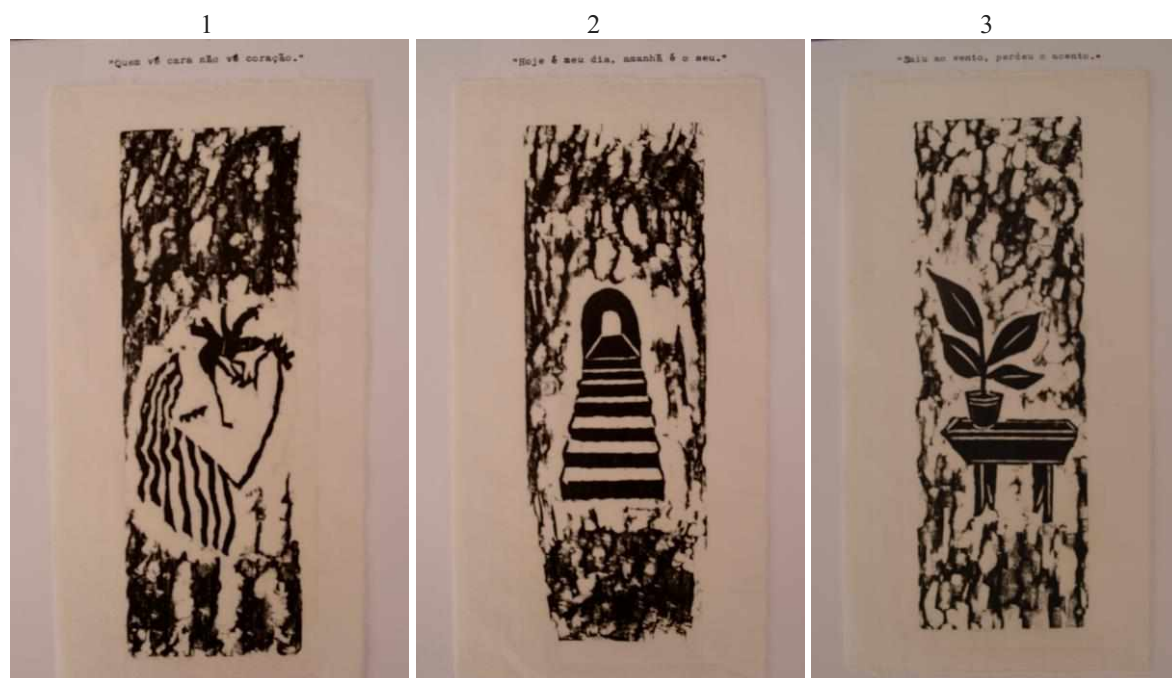
A primeira imagem representa o ditado “*Quem vê cara não vê coração.*”, elemento da composição de uma das cartas do Par 3 da Figura 17. Na imagem, uma face feminina dividida: metade mulher, metade a organicidade de um coração literal. É um trabalho autoexplicativo no sentido objetivo e no subjetivo.

“*Hoje é meu dia, amanhã será o seu.*” é o ditado representado pela segunda imagem, uma escadaria que se estreita como um túnel. Escadas simbolizam ascensão, progresso, boas perspectivas, mas, levando em consideração a frase, considero que representam os altos e baixos da vida, tanto para o bem, quanto para o mal.

A terceira e última imagem é sobre o ditado “*Saiu no vento, perdeu o assento*”: *quando uma pessoa em um lugar cheio sai da sua cadeira, é possível que, quando volte, esta esteja ocupada.* Na imagem, um banco ocupado por um vaso de planta que, dentre várias significações, simboliza prosperidade. Considero que a ilustração diga que ou quem saiu de seu lugar, perdeu-o para grandes aspirações.

Ambas as séries, *Sombra da Memória* e *Ditos Ilustrados em Tacos*, expressam solidão, exílio.

Figura 21 - *Ditos Ilustrados em Tacos*, para o *Ateliê de Xilogravura*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

Quando eu queria mais

Às vezes eu só via o que me faltava, e ficava sonhando e querendo mais...

Ser mais bonita, mais baixa, mais bunda, mais peito, cabelo mais liso, ser mais branca, ter mais dinheiro, ser rica, receber mais amor, mais atenção, ser mais popular, ter mais amigos, ser mais legal, entre outros mais vendidos por aí.

E querendo mais eu me escondia por detrás de tristeza, insatisfação, reclamações, ilusões, escondia minhas fraquezas, num desejo latente de ser tudo que eu não era, numa prisão solitária que não facilitava a lida com o que de fato eu sou e represento.

Demorou pra perceber e assimilar o quanto de beleza há em mim, tanto no meu corpo físico, quanto na minha essência única, que me faz pensar, agir e experimentar de um jeito só meu.

A quarentena promoveu uma transformação aqui dentro. Percebi que sou como as plantas e as palavras, preciso de espaço e cuidado pra crescer. E dessa forma constatei que, em muitos casos, menos realmente é mais, e hoje só me escondo se for atrás das plantas, para posar.

O próximo trabalho (Figura 22) é outra técnica de gravação que não possui nome específico. Primeiramente impermeabilizei um papel com giz de cera, preenchendo-o livremente (Figura 22, imagem 1); em seguida, ocultei todo o colorido do giz com tinta líquida nanquim preta; logo desenhei sobre papel carbono branco a forma (Figura 22, imagens 2 e 3) para ser revelada, por meio da raspagem da tinta seca, com uma ferramenta pontuda, cuidadosamente, para não ultrapassar o giz e rasgar o papel. É perceptível, no resultado deste trabalho (Figura 22, imagem 4), em meio a uma moldura rebuscada – que me lembra um antigo retrato dos meus avós maternos – uma divisão evidenciada pelas cores e texturas. As representações não possuem “identidade” e, mesmo lado a lado, parecem habitar mundos diferentes. Acredito que a figuração retrate o estabelecimento de fronteiras entre o eu e o outro.

Figura 22 - Trabalho produzido simultaneamente a disciplina *Estágio Supervisionado II*, que teve como referência os aspectos figurativos e repetitivos do artista Belga René Magritte (1898 - 1967)



Fonte: Acervo pessoal da autora (2015).

Figura 23 - Fotografia editada da gaiola produzida com arame recozido para a disciplina *Fundamentos Tridimensionais* e atualmente



Fonte: Acervo pessoal da autora (2013; 2020).

Em uma proposta tridimensional resolvi construir, de maneira intuitiva, uma gaiola. Gaiolas simbolicamente representam prisões mentais e físicas; vazias, são indício de visita inesperada. Por volta de 2017 recebi uma imagem, via *WhatsApp*, que me intrigou com o seguinte dizer: “*Nem tudo na vida é fácil, mas com certeza nada é impossível. Ser forte não é ter a força de um leão, mas sim a paciência e a humildade de um pássaro que, mesmo na gaiola, não deixa de cantar e nem perde a esperança de voar.*” (Autor desconhecido). Essa frase me fez refletir sobre os bloqueios que me dificultavam manifestar minha potencialidade, reforçados sob o discurso de tolerância disseminado em pensamentos como este. Certamente me sentia presa e vazia. Para ressignificar essa peça, atribuindo-lhe um novo sentido, coloquei em seu interior um vaso de cacto: cactos, por sobreviverem em ambientes e situações desfavoráveis, simbolizam resistência, ou seja, esta peça hoje, para mim, representa resistência às prisões. No panorama desse relato, defendo a Arte como instrumento terapêutico de ressignificação e cura psíquica.

Figura 24 - Re-corda



As cordas que me prendiam serviram para brincar...

“Um homem bateu em minha porta e eu a-bri,

senhoras e senhores, põe a mão no chão,

senhoras e senhores, pulem em um pé só

senhoras e senhores, deem uma rodadinha

e vá pro olho da rua.”

(Canções Populares)

Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

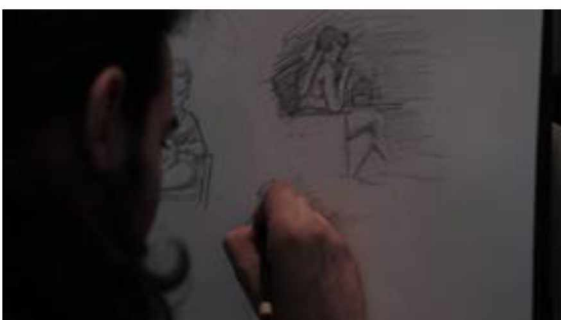
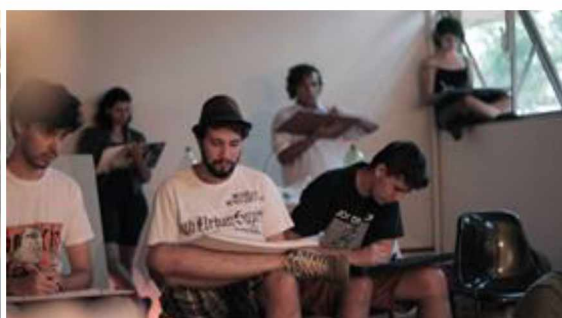
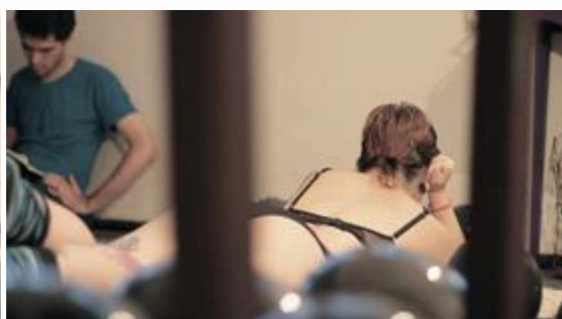
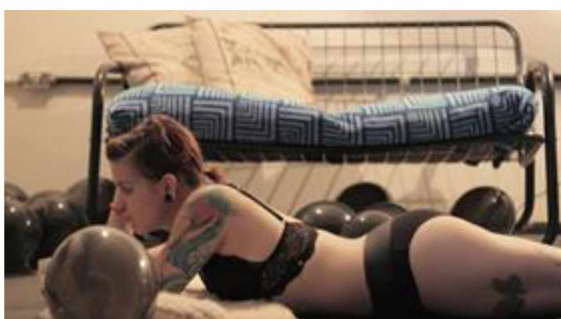
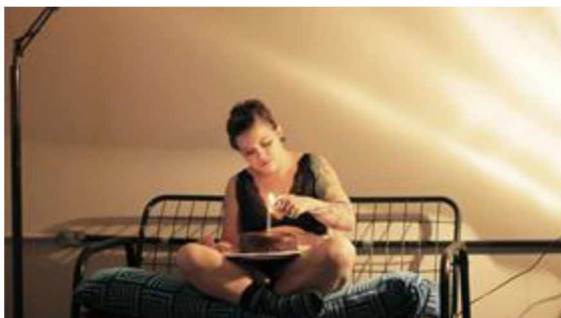
Além dos trabalhos e técnicas praticadas, destaco também os seguintes projetos desenvolvidos para a comunidade universitária e o público em geral: *Aniversário Solitário*, proposição para estudo e desenho; *Oficina de Encadernação* com costura artesanal em papel; *Faça sua Bolsa*, com costura artesanal em tecido e couro; e *Noite no Museu*, mediação

educativa para crianças. Proposições significativas bem elaboradas e experimentadas que, mesmo tendo apresentado contratempos, me proporcionaram representatividade, expressões de minha singularidade.

Aniversário Solitário foi uma proposição temática para o exercício de observação e desenho do corpo humano, efetivamente em meu primeiro ano da graduação. Essa proposta foi muito importante no meu processo, pois possui, tanto em seu planejamento como na aplicação, aspectos subjetivos conscientes e inconscientes. Uma mulher em seu ambiente doméstico gozando o prazer de sua própria companhia. A introspecção é explícita pela *performer* em um cenário detalhado; pessoalmente, uma solidude desejada e emergente.

Figura 25 - Maratona de modelo vivo para disciplina *Modelo Vivo*





Fonte: Acervo pessoal da autora (2013).

Efêmera

Quando ganhei a muda da planta Íris da Praia, uma pessoa me contou que sua flor durava só um dia, eu duvidei.

Há 30 anos mamãe finalizava a gestação e se preparava para me parir. Desde que me tornei mãe, tenho gestado a mim mesma simbolicamente e decidi que o meu trigésimo aniversário seria um marco em minha vida, um rito de passagem. O aborto de algumas partes que se agregaram a mim ao longo dos anos e que não faziam mais sentido, encerrando um ciclo com a passagem da luz do Sol dentro de mim nesse ano.

Motivada pela temporada pandêmica a um transbordamento reflexivo, analisei profundamente meus papéis sociais, acessei na memória, história e herança ancestral, e percebi minha essência sufocada em detrimento de aceitação social, pertencimento.

Precisei de coragem para admitir meus problemas e antes de mais nada me despeço da vergonha e do medo de me expor e assim mostrar quem realmente EU SOU, ganhando força para eliminar de mim a culpa, o julgamento, a segregação, a sensação de inadequação, a intolerância, os preconceitos, a discriminação, a desinformação, a hipocrisia, a irresponsabilidade, a incoerência, a banalidade.

Os padrões elevados inalcançáveis, as expectativas distorcidas, a dificuldade de expressão e de comunicação. A necessidade de aprovação e validação.

A surdez, a cegueira, a mudez, a insensibilidade, a afetação, o ruído. A preguiça, a procrastinação, a inércia, o comodismo, a zona de (des)conforto.

O pejorativo, o feio, o padrão, a flacidez. A superioridade, a inferioridade, o egoísmo, a ganância, o desnecessário, o tendencioso, a futilidade, a competição, o controle, o domínio, o consumismo, a novela, a mídia, o insucesso, a comparação, a mimese, a indiferença, a insignificância, a ausência, a superficialidade, a falsidade, a discórdia, a divergência, os equívocos, os mal-entendidos, a fofoca, a difamação, a injúria, a maledicência, a traição, a mentira, a desonestidade, a deslealdade, a injustiça, a desaprovação, a obediência, a malcriação, a condescendência, a omissão.

As ilusões, a raiva, a angústia, a reatividade, a insegurança, o apego, a carência, a dependência, a codependência, a rejeição, o abandono, a fraqueza, a manipulação, a violação, a compulsão, o drama, o vitimismo, o paternalismo, a negação, a falta, o vazio, a solidão, a fuga, a histeria, a projeção, a essência masculina distorcida.

O sufoco, a violência, a agressão, o pânico, o assalto, o roubo, o sequestro, a invasão, a marginalidade, a dívida, a necessidade de toxinas, os desvios. A vulgaridade, a promiscuidade, a prostituição, a permissividade, o profano, a desregulação. A pobreza, a miséria, a tristeza, a dor, o sofrimento, a tragédia, o horror, a crueldade, a maldade, a covardia, o choque, o nocivo, o dano, o letal, as trevas, a praga, a doença, o desastre, a desgraça, a desolação, o combate, a morte, o nefasto, o diabólico, o antagonismo.

O desafeto, o desamor, o desprazer, a desonra, o desgosto, o desespero, a descrença. A seriedade, a mágoa, o ressentimento, a amargura, a frustração, a decepção. A infelicidade, a inconstância, as incapacidades, a instabilidade, a

impaciência, a insatisfação, a inexperiência, a insensatez, a incompatibilidade, a intransigência, o incômodo, a contrariedade, o aborrecimento.

A desarmonia, a desordem, o perfeccionismo, a imperfeição, o desalinho, o desajuste, o desarranjo, a dureza, a inflexibilidade, o imóvel, o emaranhado, a rigidez, a rispidez. As travas, os bloqueios, as trancas, as obstruções, as algemas, o desgaste, a quebra, o quebrado, o atolamento, a privação.

Os medos: do invisível, da perda, do erro, do fracasso, do incerto, da reprovação. Medo da velocidade, de altura, de desequilibrar. A aflição, a repulsa, o nojo, a frigidez, a aversão ao toque, a frieza. O passado, o futuro. Os pesos excessivos e o medo dos fins.

Nosso cérebro primitivo tem a capacidade inata de gravar e prever experiências ruins, fato fomentado pela mídia e pelas redes virtuais. Todos esses aspectos intrínsecos e sociais comigo não caminharão mais, pois escolho subir um degrau e olhar através do Amor que pulsa no centro no meu peito em um ritmo só meu.

É verdade, a flor só dura um dia, e neste dia ela oferece o que tem de melhor, sem apego, uma sábia professora, me ensinou que não é um erro ser Efêmera.

Motivada pelo conteúdo de um minicurso do qual participei no Laboratório de Arquivo e Conservação de Documentos, elaborei a *Oficina de Encadernação*, um projeto com ferramentas e materiais específicos que dispôs de amplo e metódico planejamento e execução. Apesar de o tema ter-me inspirado muito na escolha do projeto, essa foi uma oficina laboriosa devido à extensão do material preparado previamente e o curto período destinado à oficina. Os cadernos inacabados tiveram de ser levados para ser finalizados em casa. Apesar das

provações, considero positiva a experiência de transmitir minha herança: o valor e a estima da cultura do artesanal e das artes manuais.

Figura 26 - Caderno criativo



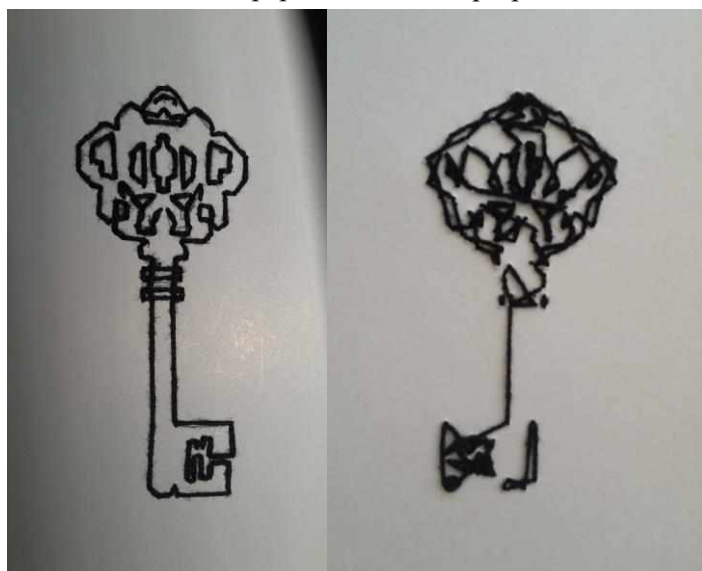
Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Figura 27 - Oficina de Encadernação para disciplina Projeto Integrado de Práticas Educativas



Fonte: Acervo pessoal da autora (2013).

Figura 28 - Chave bordada em papel: “Averso de propósito, tudo tem dois lados”



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Oração da Chave

No Agora recebo e Sou a Chave Sagrada que nenhuma porta pode fechar

No Agora recebo e Sou a Chave que abre todas as portas

Sou Ouro e atraio Ouro.

*O obstáculo não existe em minha frente, pois Sou a ponte de qualquer parede que
se coloque diante de mim.*

Sou um ser Sagrado e Mereço o Melhor do Universo no Agora.

Me perdoo de qualquer julgamento feito a mim e aos outros.

Liberto-me de qualquer trava ou bloqueio interno ou externo.

Sou livre para Receber o Melhor do Universo no Agora,

*Elevo meus pensamentos e compartilho Amor ao mundo como todo, sem
julgamentos.*

*Hoje sinto esta Vibração e Concretizo minha Vitória, pois Sou a chave que abre
todas as portas.*

*Gratidão, Universo, por esse Despertar e ajudarei todos a minha volta a se
libertarem.*

Gratidão, Gratidão, Gratidão no Agora e pela Eternidade.

(Autor desconhecido)

“A costura liga duas faces em sequência, tem sua origem em uma extremidade das partes, uma sobra de linha é deixada para o arremate” – esse é basicamente o procedimento artesanal da *Oficina Faça sua Bolsa*, que teve como emblema “Desvende seu olhar sobre esse acessório milenar e crie sua bolsa empregando princípios básicos da costura artesanal!”. Esse projeto surgiu do interesse que sempre manifestei em explorar minhas capacidades de produzir, recuperar e transformar meus próprios pertences, prática conhecida por *up cycling*. Esse processo de criação começou com um tapete de crochê feito com tiras de velhas camisetas, de repente, o teste de um *top*, logo, a ideia de fazer uma bolsa tipo saco. Pesquisando sobre tipo de alças, cheguei a uma loja que vende, entre outras coisas, couros legítimos e sintéticos. Lá percebi a potencialidade do material e decidi experimentar. Comecei então a estudar modelos e moldes e a fazer bolsas de couro.

Figura 29 - Exercícios em crochê e couro feitos por mim



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

O couro é um material duro. Para costurá-lo à mão, tinha que, primeiramente, furá-lo batendo um prego com martelo sobre a marcação, por falta da ferramenta apropriada. Apenas com todos os furos é possível alinhar a costura com agulha grossa: “*ponto a ponto segue-se até ao limite oposto, de volta ao ponto inicial as pontas da linha encerada se unem em nó, o contato direto a uma chama acesa elimina os excessos*”. A contextualização histórica do artefato foi primordial para elucidação quanto ao seu sentido de peça única, própria do artesão, também um reflexo de minha base ancestral. Seu planejamento foi menos oneroso, entretanto, o tempo de atividade também não permitiu sua finalização. Recebi alguns retornos satisfatórios de familiares e amigos que participaram do projeto.

Figura 30 - Aula-piloto *Faça sua Bolsa* para disciplina *Estágio Supervisionado III*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

Figura 31 - *Oficina Faça sua Bolsa* para disciplina *Estágio Supervisionado III*



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

*Noite no Museu*⁷ foi um projeto significativo de mediação educativa para crianças. Ampliou minha compreensão sobre campo do espaço institucional, metodologias de leitura de imagem e estratégias de mediação. Foi possível praticar e aplicar meus conhecimentos e minha afeição por jogos na elaboração das atividades das expedições. Planejamento e flexibilidade no roteiro foram os aspectos fundamentais para alcance dos objetivos. Esta foi uma proposta experiencialmente rica, entretanto, tensa: a responsabilidade pela segurança das crianças causou muita apreensão. Bento participou ativamente das expedições, colhendo benefícios deste projeto.

Figura 32 - Registros das expedições *Noite no Museu* para disciplina *Estágio Supervisionado IV*



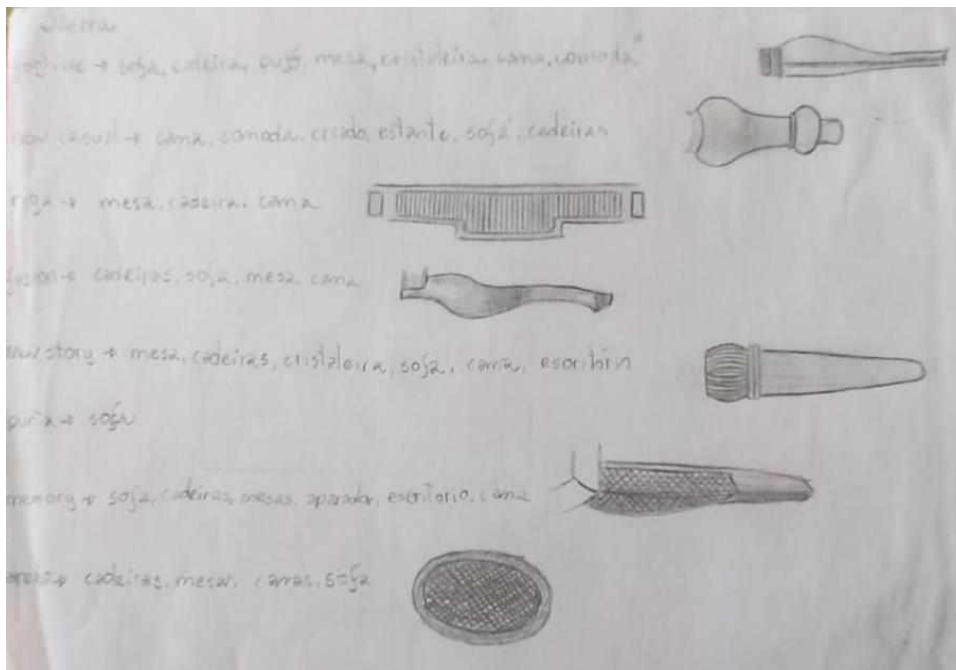
Fonte: Acervo pessoal da autora (2016).

⁷ A escolha do nome do projeto *Noite no Museu* fez referência ao filme *Uma Noite no Museu* (2006). É uma proposta inspirada nos núcleos educativos de grandes museus no Brasil, como o Masp, e também em instituições internacionais dessa mesma natureza.

A ARTE AMPLIADA COMO INSTRUMENTO RE-SIGNIFICATIVO

*Quando eu era criança, sonhava em ser arquiteta, passava horas desenhando a planta baixa das casas dos meus sonhos. Antes de migrar para a área da educação e ingressar na universidade, tive algumas experiências profissionais. Uma delas, em uma loja de móveis (2008 - 10), me trouxe muitos aprendizados. Eu auxiliava na organização – “a seção de taças e louças eram minhas preferidas, adorava passar tempo enfileirando as peças de maneira ordenada”, no setor de embalagem, bem como no atendimento em geral. Essa experiência me fez pensar em estudar *Design* de Interiores, mas, como é um curso integral e não permitiria que eu trabalhasse pelo meu sustento, foi descartado. A experiência materna de uma gravidez não planejada direcionou meu olhar para o campo educacional e, num ato de resgate de meus talentos manuais e capacidades criativas, optei pela graduação em Licenciatura em Artes Visuais.*

Figura 33 - Fragmento de anotações e estudos da experiência com móveis



Fonte: Acervo pessoal da autora (2008-2010).

*Ter uma casa sempre foi meu maior sonho
apesar de ter morado em várias, 16 no total,
nenhuma senti que era minha.*

*Procurei incessantemente por um espaço
onde conseguisse expressar minha essência.*

*Desenhei e brinquei até a exaustão,
sonhei, inclusive cheguei perto dessa sensação.*

Cheguei enfim a receber esse pedido, completo êxtase, desejo concedido.

Em 2012 consegui realizar o sonho de ter uma casa; para tanto, percorri brechós e lojas de móveis usados com o olhar atento a móveis de boa qualidade, mesmo em mau estado (já que eu tinha conhecimento nesse assunto). Encontrei ótimas peças, algumas inclusive nos acompanham, Bento e eu, mesmo depois de quatro mudanças. Algumas unidades precisavam de renovação, então, adquiri uma lixadeira orbital e, com outras ferramentas, coloquei o *up cycling* em ação, mobiliando minha casa com ousadia e personalidade.

Em estudos sobre propósito, vi que nossas brincadeiras favoritas da infância e aquilo que faríamos de graça são sinais, caminhos possíveis para se chegar a essa resposta.

Minha brincadeira predileta na infância era brincar de casinha e, durante a vida, tudo que envolve o contexto lar, casa, arquitetura, tapeçaria, decoração, conforto, individualidade, higiene, utensílios, espaços, ambientes, rotina, organização, ergonomia; a cozinha como oficina, lazer e memória visual, espacial, auditiva. Ou seja, tudo que está relacionado a esse campo e a suas manualidades me interessa profundamente.

Figura 34 - Eu brincando de casinha, por volta de 1995, e 25 anos depois



Fonte: Acervo pessoal da autora (1995/2020).

Todo adulto um dia foi criança

Se brincar de casinha era minha brincadeira favorita na infância,

Qual o problema de cuidar de casa brincando de casinha depois de adulta?

Assumo minha postura, sem (-) vergonha.

Acredito que tudo na vida tem um propósito, e essa longa caminhada não foi em vão. Mesmo com a destreza técnica, o rico conteúdo assimilado e as tendências práticas, tive de revivescer minha história, honrar minha ancestralidade, dissecar o teor simbólico presente nos meus trabalhos, zelar do conteúdo aprendido e produzido e, por fim, alinhar as partes dessa trajetória, construídas em tempos diferentes, sistematizando meu percurso. É possível afirmar que a Arte chegou até mim como um processo de autoconhecimento profundo, não simplesmente pela aproximação com obras de arte, espaços artísticos e explorações de práticas potentes, mas pelo fato do acesso a conteúdos internos através da história e da memória pessoal em trabalhos manifestados de maneira intuitiva, até a libertação pelo encontro com minha área de interesse: a arte como recurso re-significativo.

As dores e os traumas deixam marcas profundas que necessitam ser vistas, ouvidas e ressignificadas. As sombras do inconsciente unidas ao interesse estético dos exercícios me

fizeram/fazem refletir intimamente e também pensar na docência, no sentido de estreitar o tempo de apropriação da história de vida das pessoas e da valoração cultural como ferramenta de consciência, motivando-me a construir algo que seja relevante, que possa contribuir para pessoas em circunstâncias semelhantes à minha, bloqueio criativo em qualquer área. A Arte Ampliada pode ser um meio para esse fim, tem potencial de fortalecer e transformar. Uma pessoa fortalecida e transformada pode apoiar outras pessoas e, assim, fiar uma rede de apoio que consiga amparar e fortalecer outros indivíduos também.

Transbordar processos para as emoções serem vistas mais de perto, revisar, se distanciar é ganhar poder analítico. Colocar-nos como observadores de nossa própria história para entender o que foi vivido, os processos intensos, contemplar as partes de uma situação da vida e desenvolver uma comunicação interna proporcionam novas conexões para o que antes não era visível a olho nu. Revisar meu caminho não me torna menos importante, ou mais, entretanto, adquire compreensão e me vejo única, singular, antes de tudo, passível de erro. Para adquirir grandeza devo me comparar sempre comigo mesma, com quem fui, serve pra vida e pra Arte também.

Conhecer e ampliar meu repertório no campo da Arte Ampliada possibilitou uma vivência artística cotidiana. Pensar a disposição de móveis, objetos, imagens, utensílios; associar cores, formas, luzes e sombras; pensar na origem e na utilização das coisas, selecionar e triar pertences já eram uma prática comum, porém, com o advento do conhecimento ampliado através do conhecimento adquirido durante a graduação, passei a operar de maneira consciente nesses termos. Logo essa atividade ganhou embasamento teórico e a temática da vivência artística cotidiana e toda a sua abrangência quanto ao “feito à mão” passou a ser centro de meus estudos.

A estética do cotidiano, subtende, além dos objetos ou atividades presentes na vida comum, considerados como possuindo valor estético por aquela cultura, também e principalmente a subjetividade dos sujeitos que a compõem e cuja estética se organiza a partir de múltiplas facetas do seu processo de vida ou de transformação. (RICHTER, 2000, p. 8).

Em menção a um trecho da obra de Adélia Prado (1991, p. 92), Richter discorre sobre a expressão “fazer especial”:

Usar o “fazer especial” como ponto de partida para a compreensão da arte amplia os horizontes sobre o que é ou não é arte, e nos permite incluir artefatos produzidos por outras culturas, que foram feitos sem uma motivação estética consciente, nos moldes ocidentais, na mesma categoria de arte. (RICHTER, 2000, p. 9).

Expondo Melvin Rader e Bertram Jessup (1976, p. 5-6), Richter afirma que o “interesse estético é algo que complementa grande parte da vida diária de cada um de nós. É um ingrediente importante que penetra em todos os aspectos da vida e a torna interessante.” (RICHTER, 2000, p. 11), para então justificar a importância de se explorarem as artes ditas “menores”, “populares” – não em contrapartida à acadêmica, mas sim como meio de acesso, dando como exemplo a própria ciência, que nasce da experiência comum e se desenvolve em níveis superiores sem perder a relação com a origem. Segundo a autora, “quando a experiência estética vem a nós nesses exemplos familiares da vida diária, não precisa explicação ou justificativa, não precisa razões. Ela é simplesmente boa, como respirar ar puro.” (RICHTER, 2000, p. 10). Nessa perspectiva, toda minha ação cotidiana ganhou significado.

Em pesquisa sobre obras de arte que retratam os espaços cotidianos encontrei um trabalho intitulado *Onde as crianças dormem* (2010), do artista britânico James Mollison, um livro fotográfico que registra uma série de crianças de lugares distintos do mundo, seus respectivos quartos e uma breve história de vida dessas crianças. É explícita a diversidade cultural e de condições sociais, para mim, uma obra tocante. Em uma proposta de plano de unidade, selecionei algumas imagens dos quartos desse livro e as associei às obras *Quarto em Arles* (VAN GOGH, 1889) e *Quarto em Ajaccio* (MATISSE, 1889), para promover reflexões referentes ao campo do cotidiano. Essa proposta não chegou a ser aplicada; porém, eu, imersa nessa abordagem, relacionei a proposta a um dos quartos habitados pelo Bento como resultado prático dessa reflexão/meditação.

Figura 35 - À esquerda: quarto de Juan David, 10 anos, Medellín, Colômbia; à direita: quarto de Bento



Fonte: MOLLISON (2010) e acervo pessoal da autora (2016).

Velha casa contemporânea

Uma casa de vanguarda, construtivista de tradição

De bordado, cerâmica, poesia e fruição

De paredes coloridas, de sonhos e fantasia

De descanso de balanço, muitas cores e amores

Uma casa acolhe e contagia, florada, viva é o céu

Minha cozinha excêntrica

Cozinha é oficina no lar

Excêntrico é igual extravagante

Por que não pensar a cozinha de modo diferente?

Florescer ideias, nutrir a alma.

É o ponto inicial de infinitas formas, texturas, aromas e sabores.

Quantos utensílios preciso para aprimorar o meu ser?

Temperar a vida de relva

Repousar é preciso, e de novo despertar

Acordar na vivenda, cada um tem seu tempo.

Rosa verde azul

qual o problema em ser formal e apreciar o rosa?

cada um é único, individual

e tem o direito de ser como o são

contando que não firam o outro

gosto de rosa, preto, branco, cinza, verde, azul

mostarda, vinho, beterraba

liso, listrado, losango, zigue-zague

textura, natureza, de noite.

O quarto do Bento é uma amostra de composição harmônica entre os móveis recuperados, os apetrechos domésticos e os objetos, imagens e telas produzidos na

graduação. Viver, pensar e sentir os espaços, objetos e suas possibilidades dentro de casa me trouxeram experiências apreciativas potentes e isso me inspirou a sistematizar a experiência que vivia em um projeto de ressignificação de espaços domésticos, facilitando um cotidiano cura-ativo. *Você pode começar a curar seu lar aos poucos por uma família de objetos, uma gaveta, um cesto. Mas vá até o fim com o que se comprometeu, essa sensação de dever cumprido vai te impulsionar para as outras gavetas, armários e, quando você menos perceber, terá tido energia para curar o seu lar com as próprias mãos.* Esse projeto foi aplicado em algumas residências de amigos e familiares e foi batizado de *Re-sinto*.

Oração para Abençoar o Lar

Somos filhos de Deus! Minha Casa É Morada dos Filhos de Deus!

O Amor de Deus Preenche Minha Casa e os seus moradores estão Preenchidos de Paz, Alegria e Tranquilidade.

Nesta Casa Preenchida de Amor de Deus, entram e circulam Abundantes Vibrações mentais Construtivas e Saudáveis, tais como o Amor, a Paz, a Bênção, o Elogio, a Compreensão, a União e Mútua Cooperação, pois tais Vibrações Positivas Se Sintonizam e Se Ajustam, com certeza, com as Vibrações de Harmonia e Amor de Deus.

O Meu Lar é realmente Lar de Deus! Está Preenchido pela Sabedoria de Deus; por isso, todos Concebem Ideias Claras e Sábias e só cometem Atos Sensatos. Os membros desta Família, vivendo num ambiente repleto de Vitalidade Dinâmica, Preservam a Beleza da ordem e da Harmonia, que Expressam a Beleza do Mundo de Deus. A Sabedoria de Deus Se Manifesta como Prudência e Conserva as Vibrações de proporções corretas da nossa Vida. Por isso, meu Lar é Isento e livre de conflitos; a Sensatez Prospera em meu Lar;

a Certeza Progredir em meu lar. As Vibrações de Harmonia, Alegria, Amor e Sabedoria Abrangem todas as coisas em meu lar.

Meu lar É a Morada de Filhos e Filhas de Deus. É lar de Deus.

Está Sempre Repleto de Vozes de Bênçãos e de Louvor, e só se ouvem Vozes de Amor e Gratidão.

Somos Filhos e Filhas de Deus, Personificação da Vontade de Deus; logo, em Meu lar só se ouvem comentários e Elogios sobre as Qualidades e Virtudes nossas, dos outros e de tudo.

O meu lar é Morada dos Filhos e Filhas de Deus, É lar de Deus.

Todos aqueles que visitam a minha casa são Filhos e Filhas de Deus, Trazem consigo o Amor de Deus, são Recebidos com o Amor de Deus, e nos Abençoamos mutuamente num Ambiente de Cordialidade.

Assim É. Muito Obrigada.

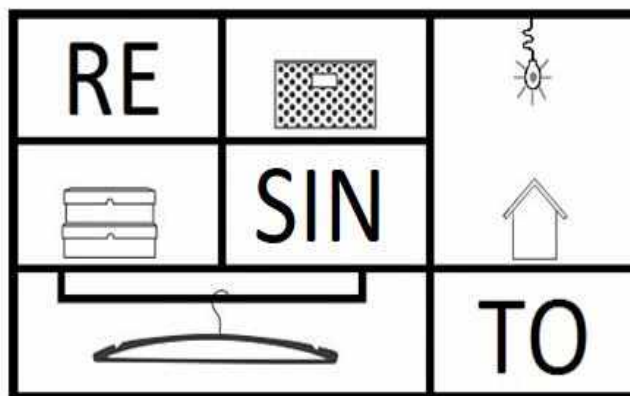
(Autor desconhecido)

A palavra “recinto” é comumente usada para nomear o espaço onde vivem os animais no zoológico; significa qualquer espaço compreendido dentro de certos limites. Nesse sentido, é uma palavra que muito me lembra de papai, que sempre a usava quando se referia a algum espaço onde ele estava: “no meu recinto”. Entretanto, refletindo sobre a proposição e a palavra, cheguei à conclusão de que “recinto” não contemplava o sentido do projeto, cuja finalidade era propiciar uma nova organização dos espaços para serem sentidos novamente, por isso, “re-senti-los”.

Toda a elaboração do projeto surgiu da minha necessidade íntima de vivência apreciativa cotidiana e manifestação de um estilo de vida eficiente e potencialmente expressivo. *Re-sinto* questiona a dimensão estética dos espaços cotidianos, defende que a harmonização dos espaços pode proporcionar uma nova forma de sentir seu próprio espaço e propõe uma metodologia eficiente de organização, bem como a aplicação básica de conceitos do Feng Shui, arte chinesa que tem o fim de atrair influências benéficas da Natureza. *É*

possível considerar qualidades estéticas no contexto de determinados tipos de vida; ter formas potentes de sentir além do museu, na vida; a vida dentro da própria casa pode proporcionar experiências estéticas intensas; organizar o espaço pode proporcionar um novo sentido, uma nova forma de sentir o espaço – essas foram constatações do projeto. Sendo assim, Re-sinto confere ao fruidor uma experiência cura-ativa, porque a transformação do espaço pode possibilitar às pessoas desempenharem uma melhor performance de si mesmas. É um objeto de estudo muito sensível, um tema latente que me despertou muito interesse. A seguir, algumas experiências de aplicação do projeto.

Figura 36 - Imagem do projeto



Fonte: Acervo pessoal da autora (2013).

Figura 37 - Antes e depois – reforma de móveis para loja



Fonte: Acervo pessoal da autora (2013).

Figura 38 - Antes e depois II – reforma de móveis para loja



Fonte: Acervo pessoal da autora (2013).

Figura 39 - Reforma de móvel e ressignificação das portas do móvel reformado, pintura de parede (listrada) e composição de disposição de quadros fizeram parte do projeto



Fonte: Acervo pessoal da autora (2013).

Figura 40 - Transformação de móveis feita por mim



Fonte: Acervo pessoal da autora (2013).

Figura 41 - Reforma de pequeno móvel de madeira



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

Figura 42 - Detalhe em pintura



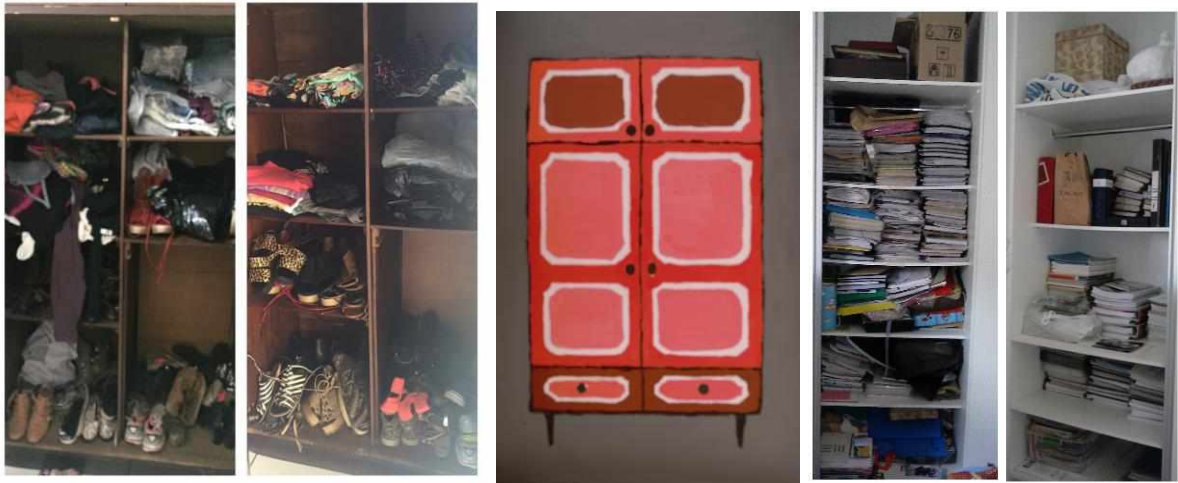
Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Figura 43 - Pintura zigue-zague em parede e pintura circular em parede



Fonte: Acervo pessoal da autora (2016); (2020).

Figura 44 - Antes e depois de guarda-roupas; pintura guache para disciplina *Composição e Cor*; antes e depois armário de sala de estudos



Fonte: Acervo pessoal da autora, respectivamente: 2016; 2014; 2016.

A ordem, o tempo e o bem-estar

Como anda a saúde da casa?

A maneira como cada item é conservado, revisitado

As lembranças positivas a seu favor, de maneira inspiradora

Os efeitos das luzes e sombras, o cenário individual, vejo cenas dignas de museu.

Os valores individuais apresentados a si mesmo, alteram sua maneira de pertencer ao espaço

Aproximam a pessoa de si, dos outros

Você não precisa de mais coisas, e sim um novo olhar sobre o que já tem

A organização muda o espaço, ter menos coisas muda a vida

A casa a seu favor, benefício próprio, momentos-convite

Nesse espaço positivo é possível tirar a lista de projetos da gaveta

Conceitos visuais estabelecidos

*Ou mesmo desenvolver o seu Eu
Morar como lazer diário, destino saudável
Faça você mesmo, bricolage, DIY
Técnicas soma estéticas, eu sou o que eu sinto
Trânsito em território complexo
Terapia estética comportamental?
Pelo que você se sente privilegiado?*

**ARTE E VIDA POLIMORFA:
UM BREVE OLHAR SOBRE A CRISE SANITÁRIA MUNDIAL**

Por muito tempo a neguei, considerei-a tola, olhei-a com desprezo e desdém, logo ela que fez parte da minha vida por tanto tempo, cultivada no jardim da vovó Zirê, bordada pela vovó Filhinha e desenhada por mim em linhas seguras... doce tempo.

Quando foi que eu perdi o apreço? Quando foi que sua beleza deixou de me encantar? Quando foi que ela secou? Para quem eu dei minha rosa? Onde eu a deixei? Os espinhos me feriram? Onde foi parar minha rosa? Frida me deu uma pista.

Por que eu a neguei? Talvez pelo mesmo motivo que neguei também o sotaque caipira, o sertanejo, a sensualidade, a ciclicidade do meu corpo feminino, minha criticidade e opinião própria, minha origem, essência, a poesia, o gozo.

Na mão de quem eu entreguei? Foi perdido, dado ou roubado? Do marido ou patriarcado? Algo ou alguém a levou de mim por um tempo que não consigo medir.

Encontrei substitutos, não vou negar, cactos, rock e anticoncepcional, palatáveis durante um longo período, porém, no fundo não preenchiavam aquele vazio. Fingi não saber.

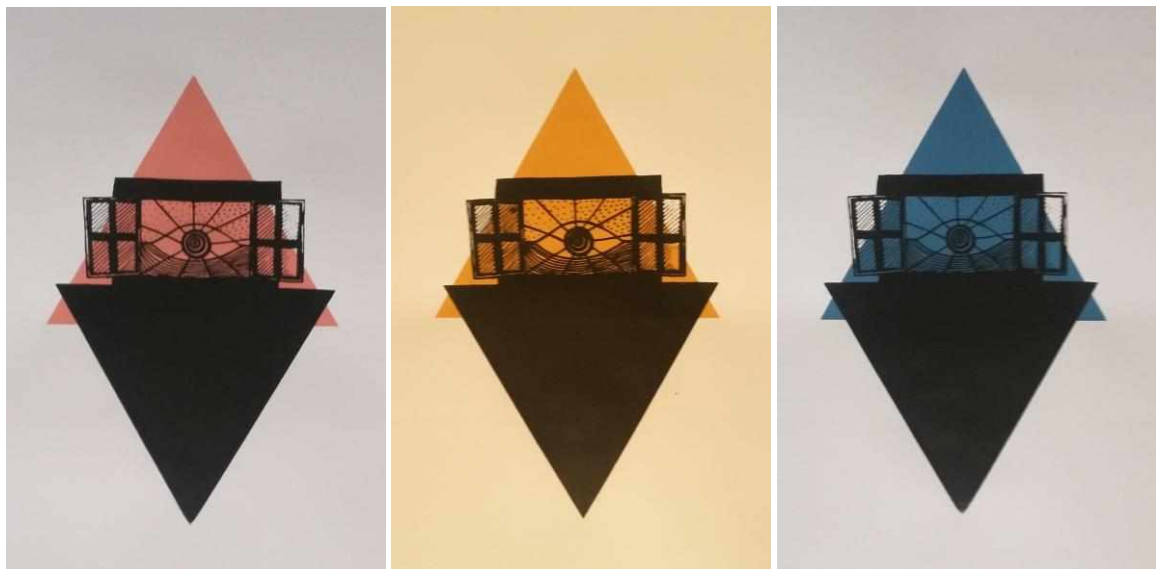
Figura 45 - Rosa bordada por mim



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

O sol nasce para todos, mas é preciso abrir a janela. Em 2019, janelas se abriram em meu interior, estabelecendo fronteiras nítidas, arejando e movimentando percepções. Janelas simbolicamente representam receptividade, abertura para as influências vindas de fora, entrada de luz. Sinto que representam a proximidade da superação da crise de identidade que me enredou, apartou, expiou; o início de uma transmutação, “metamorfose” para um estado de ser mais autêntico. *Liberar a tensão pelo sorriso sinaliza que algo opressivo cedeu, terminou, dissolveu.* Com uma postura questionadora, pude ter mais clareza sobre minha produção, meu percurso, minha memória, enfim, me deslocar em um caminho de volta para olhar e reelaborar, colocar em palavras para dar sentido às experiências e unir forças para seguir adiante e encerrar esse ciclo em 2020, com o advento da crise sanitária global.

Figura 46 - Gravura para disciplina Serigrafia



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019).

O Corpo da Arte

O corpo da Arte começa com um ponto ou uma ponte?

Ponto de referência, ponto cego, ponto de fuga, ponto morto?

Ela queria ser mais constante? Oscilar menos o temperamento, saber expor com mais propriedade?

Para além de não julgar, não esconder suas opiniões, ou ao menos não ferir com elas, arrepender-se menos pelo que fez e muito pelo qual não fez?

Quais suas intenções? Ações desprovidas de sensações?

Quem se apodera pondera mais, aponta menos, desponta em autenticidade, há desapontamento?

Quem decide o que põe ou o que despir?

Qual padrão que determina?

Quem escolhe quais clichês decide prescrever?

A Arte possui um corpo ou o corpo possui a Arte?

Se a Arte possui um corpo, do que se trata o corpo da Arte?

A obra ou o que sobrou dela? Os recortes, as sobras, o pingo respingado?

A aura, a ideia, a referência, a técnica?

O ponto, a linha, os planos?

Os croquis, rascunhos, rabiscos?

Quem produz ou quem se apropria?

A matriz, o matiz, o motriz?

A forma, má forma, contra forma?

Quem diz?

Como proceder para não perecer

Quem sente?

Eu sinto, nós sentimos, mas eles sentem?

Quem escolhe? De quem é escolhido o que foi tolhido?

O que compõe o corpo da Arte, sua fisicalidade? Extemporaneidade?

Excentricidade?

A quem toca? A quem é tocado? O explicitado ou experienciado?

A matéria metafórica da metamorfose mimética

Qual o padrão, patrão? Espelhado, moldado ou restaurado?

*Quem exercita o exercício de exonerar a existência pra exemplificar a
exceção exímia de entrega ou extradição?*

Como acessar? A ponte que liga ou o pêndulo que balança?

A quem pertence o corpo da Arte?

Ao artista, o marchand, quem a conquista?

A sua década, a mapoteca, o apotecário?

O visto, a vista, o visionário?

A versão, aversão, o avesso eclipsado?

*Muito já foi lido, escrito, editado, visto, revisto, condecorado, inventado,
usurpado marginalizado.*

É ter ou não ter, ou ser ou não ser, mesmo, a questão?

A quem pertence, quem cria ou quem avalia?

Quem recria, quem critica?

Eu, você, à revelia?

Só transborda depois que enche, só explode o que é expoente?

Não importa, nem exporta, frente à porta há horta?

Quantos pontos de interrogação são necessários?

Ponto de vista, de expressão, dois pontos ou o ponto da multiplicação?

*Ponto de fusão, ponto cruz, ponto de convergência, ponto de exclamação,
vírgula é pontuação.*

*No final, tudo começa com um ponto e, dependendo da potência, pode
terminar com um ponto final.*

*Reticências são três pontos fora os pontos de alteração dos estados físicos
Cópias malditas retratadas.*

Toda essa transcendência foi potencializada devido às circunstâncias da conjuntura do ano atípico de 2020, um momento sem precedentes na história. Devido à Covid -19 em todo o mundo, fomos obrigados a permanecer isolados em nossas casas para dificultar a livre transmissão e contaminação pelo vírus. Dentro de casa tivemos de nos adaptar às novas demandas sociais de afastamento, deixando de cumprir com nossas atividades profissionais, escolares, familiares, de lazer etc. Com fartura de “tempo livre”, aquele desprovido de obrigações, surgiu espaço para manifestar, para mim, um período que proporcionou interiorização, meditação, sublimação, despertar espiritual. Fomos levados a lidar com o essencial, abster-nos do supérfluo tão apreciado pela sociedade de consumo. Nessa perspectiva, particularmente, a fé, a confiança na providência divina foi fundamental.

O Zeitgeist, o espírito do novo tempo, potencializou o autoperdão. Aprendi a olhar com os olhos do amor e agradecer para restaurar: sonhos, fé, confiança, simplicidade, capacidades, desejos, vontade, soma, verdade, harmonia, abundância, sucesso, gratidão, sensibilidade, importância, afeto, afago, felicidade, conquista, alegria, força, feminilidade, contribuição, educação, solução,

alegria, segurança, constância, romance, união, comunhão, companheirismo, experiência, oração, vigilância, fluxo, atenção, autorresponsabilidade, amor-próprio, contemplação, apreciação, liberdade, motivação, estímulo, promoção, sincronicidade, movimento, análise, reflexão, nutrição, florescimento, cura. Tudo envolvido, imantado e ungido de amor universal.

Nesse que parece ser o ano mais instável do século XXI, tive a oportunidade de refletir intensamente sob aspectos tanto filosóficos, como profissionais, educacionais, relacionais etc. Grandes desapegos de ideias, objetos, móveis, vestes, acessórios que não condizem mais com a pessoa que me tornei desde então.

Figura 47 - *Metamorfose*, técnica mista



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

*"Eu prefiro ser essa metamorfose
ambulante
do que ter aquela velha opinião
formada sobre tudo"*

(Raul Santos Seixas, 1973)

Escuta

Numa ponte para a ilha, me conecto com o pulsar do meu peito.

Ouço um badalo, ou será o pulsar do meu coração sem rosa dos ventos?

Fios de luz brotam em direções opostas

Um desce em sentido à mãe de todos
 Uma gigantesca pedra de quartzo rosa pulsante,
 Outro sobe, um portal branco perolado iridescente.
 Es-culta. Cachorros latem, pássaros entoam diferentes canções, folhas
 balançam, indo e vindo aos uivos do vento,
 E pensar que é lua nova, imagina quando cheia.
 Vozes ecoam em minha mente, preciso apenas observá-las
 Elas não me são, eu não sou delas
 Com-centro entre os olhos fechados, sem medo.
 Auge do inverno, os cata-ventos giram cada vez mais forte na ilha.
 Aqui nada é em vão, tudo tem um porquê.
 Basta abrir os ouvidos ou-ver.

Figura 48 - Álbum Itinerante produzido com a contribuição dos alunos da turma da disciplina
Escrita criativa

Sombra sobre horizonte ilha vertical
 Um raio de sol atravessa o vidro da janela
 Na tentativa de horizontalizar o
 verticalizado
 A sombra do real sobre o imaginado,
 do verde sobre o preto representado
 Poucos minutos e já era, uma estação e adeus
 Afinal quem é que movimenta?
 Depende do ponto e vista.

Ana



"Madame Tutli Putli"
 Leo Borges



Francesca Woodman
 Luísa

Quis desencaixar essa imagem em pedaços de quebra-
 cabeça e coloca-las juntas de todos os jeitos
 possíveis. Talvez seja o pequeno fio escuro que
 estende na vertical ao lado esquerdo que tenha me
 incomodado - e os potes de planta que se repetem
 todas as vezes que fecho os olhos.

Barbara



Jéssica C.



Eduarda

Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Minha leitura quando iniciou a quarentena (18/03/2020) era *Mulheres que Correm com os Lobos* (1989), da psicóloga junguiana, poeta e escritora norte-americana Clarissa Pinkola Estés. O livro trata da mulher selvagem como essência instintiva a ser ressuscitada e alimentada. O leitor é levado, através das relações contidas nos contos, a compreender diferentes aspectos da psique, facilitando o religar com a natureza intuitiva latente em nosso íntimo que, por sua vez, aflora através de experimentações artísticas, silêncio, conexão com a natureza, entre outros meios que se apresentam no movimento de autoinvestigação e autodescoberta ativa. Então, novamente me apropriei de técnicas que me tocam, o bordado e o tear e, em meio às práticas e às leituras, me senti estimulada e entusiasmada em pesquisar por conteúdos de ciências ocultas, misticismo, os quais me trouxeram grandes *insights* e me proporcionaram um maior contato com a intuição.

Figura 49 - *Queimando as Máscaras do Ego* e bordado *Fogueira*, feito por mim



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

O “ofício do fazer” é uma parte importante do trabalho. Esforço-me para capacitar minhas pacientes, ensinando-lhes ofícios antiquíssimos das mãos... entre eles a confecção de amuletos e talismãs, sendo que eles podem ser qualquer coisa, desde simples varinhas com fitas até peças sofisticadas de escultura. A arte é importante porque ela celebra as estações da alma, ou algum acontecimento trágico ou especial na trajetória da alma. A arte não é só para o indivíduo; não é só um marco na compreensão do próprio indivíduo. Ela é também um mapa para aqueles que virão depois de nós. (ESTÉS, 1999, p. 29.)

Procura-se

*Hoje a potência se dissolve, e um bloqueio me prende
Não sei o que digo, muito menos o que penso
Caminhando pela ilha, eis que encontro um folheto
Fixado num pinheiro de tronco espesso
"Procura-se a mulher selvagem, sob uma matilha de lobos"
Revelando o que se ocultava. Senti que não se tratava apenas de palavras
E, sim, uma avalanche de saberes intrínsecos abafados
Um conto escrito, " Sapatinho vermelho", a menina que se perdeu daquilo
que produziu
Decidi caminhar um pouco, arejar os pensamentos
me tocou essa nota, me veio um pressentimento
A menina sozinha aceitou um presente
Pensando que enriquecia a companhia de gente
Na troca ela deu o sapatinho que fez, no lugar um mais novo, bonito,
burguês
Muita coisa aconteceu e dançar desgovernada os novos sapatos lhe fez
Num ritmo frenético que a levou pro abismo
Quem nunca se perdeu, atire a primeira pedra
"Mulheres que correm os lobos" nos conta das histórias que nos cercam
Fêmeas femininas: não se vendam! A essência não tem preço, muito menos o
tempo
Façam as pazes com as histórias, pois os príncipes e princesas são aspectos
de nós mesmos*

Inclusive Babás Yaga, Barbas Azuis e mulheres-esqueleto.

*Sinto forte avocação, algo gelou meu peito, numa caverna escondida
encontro meu espelho*

*Eu mais rústica, bruta, animal e feroz, é assim que se encontra meu instinto
hominal*

*Ouçam logo o chamado, não tenham medo, esse encontro nos mostra que não
tem nada faltando e o amor é o contrário do
medo.*

Não se envergonhem, na verdade, somos lobas em pele de cordeiro.

O ocultismo, de uma maneira direta/indireta, assim como as práticas artesanais, também esteve presente em minha vida desde a infância. Minha mãe, Leda Luiza Freitas (10/08/1968), gostava de “ler” nossas mãos (quiromancia), ela entendia sobre signos zodiacais e cristais através dos horóscopos (astrologia, *crystalterapia*); sobre a essência das ervas para chás e banhos (ervas medicinais); em seus tempo livre jogava um baralho de papel comum com escritos à mão, uma espécie de *tarot* artesanal – ou seja, esses conhecimentos permearam o dia a dia naturalmente, junto com práticas, preces, orações e benzimentos.

Fio da meada

Orlando Lemes da Silva, vovô Orlando (1929 - 2005), paterno, transmitiu a nós preceitos religiosos. Festeiro, gostava tanto de ficar junto que na década de 90 deu início a um evento mensal que virou tradição, um momento de reflexão sob a ótica do Evangelho Segundo o Espiritismo que terminava com comida, obviamente. Até o início da pandemia esses encontros aconteciam todo dia 3, um número especial para mim, pois, num dia desses dei à luz o meu bendito fruto que tanto traz luz, bênçãos e alegrias para minha vida.

Nessa perspectiva devocional também tenho como referência Desire Luiza de Freitas (21/02/1934), mãe da mamãe. Quando criança eu ia todas as férias pra casa da vovó Zirê. Antes das histórias, à noite, ela se posicionava em frente ao seu singelo altar, entoava rezas decoradas e clamava por cada membro da família (que eu atenciosamente conferia). Faceira e apreciadora da natureza, ela exhibe seu jardim, que é mantido com esmero até hoje - a natureza é uma das obras-primas de Deus, o apreço pelas plantas, rosas e flores é uma poderosa oração. Vovó me proporcionou experiências ricas de significado e estética, heranças pelas quais sou muito grata.

A prece tem passado por transformações nos últimos anos e agora, mais do que nunca, está sendo ressignificada. O distanciamento social tem proposto essas reflexões individuais. Fomos levados a fortalecer nosso contato com o Criador sem mediadores, por isso, hoje honro seu zelo pela espiritualidade, que contribui para o meu ancoramento e me ajuda a não perder o fio da meada.

Figura 50 - Vovô Orlando, paterno; e Número 3 bordado sobre tecido de antiga cortina da casa da vovó Zirê



Fonte: Acervo pessoal da autora: Orlando, 2003; bordado, 2020.

Figura 51 - Vovó Zirê, materna, exibindo seu jardim e recebendo Nossa Senhora de Schoenstatt em sua casa



Fonte: Acervo pessoal da autora (1995; 2001).

Prece de Cáritas

Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade. Dai a força àquele que passa pela provação, dai a luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade!

Deus, dai ao viajor a estrela-guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso. Pai, dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia e ao órfão o pai!

Senhor, que a Vossa Bondade se estenda sobre tudo o que criastes. Piedade, Senhor, para aquele que vos não conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa Bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte a paz, a esperança, a fé.

Deus! Um raio, uma faísca do Vosso Amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão.

E um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós vos esperamos com os braços abertos, oh Poder! Oh Bondade! Oh Beleza! Oh Perfeição! E queremos de alguma sorte merecer a Vossa Divina Misericórdia.

Deus, dai-nos a força para ajudar o progresso, a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Divina e Santa Imagem.

(Mme U. Krell / Cáritas, 1873)

Marli Pereira de Freitas (27/05/1952), Tia Marli, irmã da mamãe, é a primogênita de nove irmãos. Ela é responsável por minha avó, agora senil, e guardiã das memórias e da

história de nossa família. Em conversas sobre a origem do conhecimento místico que presenciei em minha família materna, obtive algumas informações esclarecedoras. Tia Marli me contou que seu avô, Juscelino Pereira Camargo (1888), “vovô Jussula”, benzia de picada de cobra e asma. Ela lamenta não ter aprendido e, por consequência, haver perdido essa sabedoria. Lembrou que antigamente não tinha médico e o conhecimento das ervas era costumeiro, ou seja, sabedoria empírica. A seguir, sua fala sobre esses assuntos:

A família do meu pai, minha avó e meu avô, morava em fazenda, mas não tinha crença. O vovô do lado da minha mãe benzia de picada de cobra e asma, a gente arrepende por não ter aprendido com ele.

Mamãe tem 86 anos, é bem antiga e os pais dela também moravam em fazenda. Naquele tempo não tinha médico, não tinha carro nem transporte nenhum, então, era assim, a cura era só através das ervas. Tudo que todo mundo sentia era com chá que se melhorava. Esse tipo de conhecimento era passado de geração em geração.

As mulheres davam à luz em casa, com as parteiras, quando ganhava neném, ficava de cama na faixa de cinco, seis dias tomando pinga com arruda, que fazia limpeza e purificava o útero; nos hospitais se faz a curetagem.

Era assim, chá quando sentia a dor de cabeça.

As criancinhas, por exemplo, que tinham muitos gases, dava chá de mentrastos, erva que nasce a ermo nos quintais, chá de marcelinha; febre, era chá da flor de sabugueiro. Quando criança dava icterícia, tomava banho de picão, esquentava um tijolo bem quente e punha na água, a mãe às vezes tirava leite do peito e punha na água. Hoje em dia toma banho de luz nos hospitais.

Então, os banhos, eles vêm de muitos anos e com várias serventias, pra cada coisa, um banho. Quando machucava, minha mãe fervia prego enferrujado, fumo, urina e banhava, os médicos hoje ficam pasmos, você ver usar urina.

Antigamente também era assim: tudo que uma criança sentia, benzia, era de vento virado, quebranto, mau-olhado, espinhela caída. Então, existia aquelas rezadeiras chamadas benzedeiras, então, quando a gente ia e elas achava que a gente 'tava com muito mau-olhado, o mau-olhado é inveja, então, elas ensinavam os banhos, porque os banhos, eles têm muita energia. Lá perto de casa tinha a vó Serina, ela rezava e ensinava muitos banhos, pra tirar mau-olhado, pra atrair amor, quando, sei lá, as coisas não estavam muito boa, às vezes alguém tinha gostado delas.

Figura 52 - Banho de ervas preparado na quarentena com pétalas de rosa vermelha, hortelã, canela e cravo



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020).

Sobre o conhecimento das cartas, tia Marli disse que surgiu em sua juventude, através da influência de círculos de amizadas.

Cidinha, minha amiga, e sua mãe, tia Vilma, eram espíritas e conheciam um outro lado que liam cartas, que não é o Alan Kardecista, que não faz, e automaticamente fui deixando-me levar pela curiosidade, mas eu aprendi mesmo foi com o Dom Eurídes, o primeiro padre de Cachoeira Dourada, quando nem cidade era.

O Dom Eurídes chegou em Cachoeira recém-ordenado a padre. Minha mãe conta que ele tinha uns 19 anos, ele é de Jandaia. Ele era muito amigo nosso, era nosso vizinho, era irmão do Tio Sélvio, que casou com a Marlene (irmã), então, vivíamos muito perto, muito amigos. Ele batizou o tio Zé, tia Lúcia, casou a Marlene.

Ele não pertencia à Igreja Romana, pertencia à Igreja Católica Brasileira. Ele fez seminário na Igreja Romana, mas, como tinha que ficar um tempo sem ver a família, ele conheceu uns bispos da Igreja Brasileira e resolveu estudar nela. Só que o Dom Eurídes era muito místico, ele acreditava muito nessas coisas, ele acreditava piamente que as cartas falavam a verdade. Ele contava pra nós que havia aprendido a ler baralho com um padre de origem cigana que tinha vindo da Espanha.

Aí eu ficava curiosa, ele batia baralho pra mim, batia pra Marlene, e pra nós da família. Um dia eu disse: "Dom, eu tinha muita vontade de bater baralho, eu mesma, sozinha". Então ele disse pra eu comprar um baralho (de papel), que ele escreveria o significado das cartas - e escreveu. Através de mim, sua mãe aprendeu.

Rei – Homem de meia-idade, claro, de posição (senhor).

Valete – Homem jovem, claro, sem posição, pobre.

Dama – Jovem clara, de sonhos, pode ser uma pessoa de bem.

Ás de Ouros – Dinheiro.

Ás de Copas – Amor.

Ás de Espadilha – Maldade.

Ás de Paus – Noite.

7 de Copas – Encontro.

7 de Espadilha – Caminhos longos.

Tem que baralhar treze vezes, coloca no monte, a pessoa divide em três montinhos pensando no que quer saber e a colocação das cartas vai dizer o que você quer saber.

Se o rapaz jovem (Valete) estiver colocada ao lado do Ás de Ouros, ele é um rapaz rico. Vai muito da colocação das cartas.

Se junto do homem de posição (Rei) tiver o dinheiro (Ás de Ouros) e o amor (Ás de Copas), com a minha intuição que eu vou dizer? Digo que vai surgir, não se sabe quando, um rapaz que não é jovem, um senhor já muito rico e que vai te amar muito. Ou seja, vou jogar a intuição junto com o significado daquelas cartas.

Se tem a carta da jovem, é um Ás de Espadas, significa uma mulher má.

Figura 53 - Tia Marli



Fonte: Acervo pessoal da autora (1995).

Mamãe conta que, quando criança (entre dez, doze anos de idade), nadando em um clube da cidade de Cachoeira Dourada de Goiás (*Eldorado*, conhecido pelo nome de seu fundador, Mário Gomes), foi abordada por um senhor que pediu para ver sua mão e, após olhar, disse-lhe algumas coisas sobre sua vida, aguçando sua curiosidade de menina. Ela então perguntou como se lia a mão e ele a ensinou sobre alguns traços – e ela não esqueceu. O interesse a fez prosseguir em busca de mais informações em revistas, assim conheceu horóscopos, signos e cristais. Segundo ela: *“Cada signo possui uma pedra de cristal relacionada, a pedra do meu signo (Leão) é o cristal, por isso o apego aos cristais, pois eles atraem bons fluidos, sorte”*.

“Na quiromancia a mão esquerda representa o passado e a direita o futuro, tudo que ler na esquerda é o que passou, na direita o que virá.”

(Leda Luiza Freitas)

Figura 54 - Mamãe exibindo minha tela na Mostra Cultural



Fonte: Acervo pessoal da autora (2002).

Oração de Reverência ao Feminino

Querida mãe, você é a mãe certa para mim, muito obrigada pela Vida.

Eu honro e reverencio a minha mãe, o útero e o feminino de onde vim.

Eu honro e reverencio a minha avó, o útero e o feminino de onde minha mãe veio.

Eu honro e reverencio a minha bisavó, o útero e o feminino de onde minha avó veio.

Eu honro e reverencio a minha tataravó, o útero e o feminino de onde minha bisavó veio.

Eu honro e reverencio todas que vieram antes de mim, antes da minha mãe, antes da minha avó, antes da minha bisavó, antes da minha tataravó até a primeira ancestral feminina na terra.

Eu honro e reverencio todas as mulheres da minha linhagem.

Peço que sejam envolvidas na luz do Amor e na luz libertadora da Grande Mãe, para que as acolha em seu Grande Abraço Infinito de Cura, Amor, Libertação e Restauração.

(Autor desconhecido)

Durante a pandemia Covid-19 pude me aprofundar um pouco em algumas dessas áreas e outras observei superficialmente: Astrologia, Numerologia Pitagórica e Cabalística, Cafeomancia, Astrologia Palmar, Geometria Sagrada, Hermetismo, Linguagem do Corpo, Cromoterapia, Grabovoi, Terapia Ayurvédica, Sincronário das Treze Luas, Mandala Lunar, Terapias Quânticas Multidimensionais, Xamanismo, bem como um pouco de Constelações Sistêmicas, Geneagrama, Psicanálise e Psicologia em geral, dentre outras teorias, técnicas, métodos e estudos recentes e milenares com simbologias arquetípicas próprias e extenso referencial.

"Eu quero ficar perto de tudo que acho certo

Até o dia em que eu mudar de opinião

A minha experiência meu pacto com a ciência

Meu conhecimento é minha distração"

(Dudu Falcão, 2009)

O trânsito por essas áreas ocultas do conhecimento contribuiu para o meu entendimento sobre mim mesma por propiciar, dentre outros fatores, a leitura dos aspectos simbólicos contidos nas produções da graduação. Muitas destas ciências estão presentes em nossa cultura através de conhecimentos dos povos indígenas, religiões híbridas, de matriz africana e espiritismo, vertentes espiritualistas e, no senso comum, de maneira "lúdica", são tidos como bruxaria.

Mestiça

*Em mim há muitas e muitos, masculinos, femininos, etnias
Todos fazem parte
Sou um pouco negra um pouco branca
Um pouco indígena um pouco cigana
Um pouco judia um pouco mística
Tenho um pouco de escravo um pouco de sinhá
Um pouco de fazendeiro um pouco de retirante
Um pouco de bruxa um pouco de fada
Um pouco profana um pouco sagrada
Uma aspirante pirata
Sou um verdadeiro mosaico em forma de mulher
Não me canso de desatar nós e fiar a teia da vida
Algo muito maior atrás de mim me impulsiona a crescer, conhecer e expandir
Percebi que não tenho limites além da carne do meu corpo físico
Só aceito o que converge, posso ser alienada, alheia,
Descobri o meu poder, não pouparei as grandes eloquências
Não há mais prisões, gaiolas e armadilhas
Vou cada vez mais fundo no meu sentir, o coração é a fonte
Eu sou o que eu sinto.*

COM-FIAR: UMA EXPERIÊNCIA MÍSTICA DE ARTE

"Cada momento de cada dia eu vivo minha vida Abundantemente."

Eu sou Ana Paula Freitas Lemes, de Uberlândia-MG. A jornada dos 21 Dias de Abundância foi muito significativa, refleti sobre aspectos da vida que não tinha o hábito, muitas coisas eu nunca havia pensado.

A experiência me auxiliou a legitimar o pleno estado de abundância que eu praticava intuitivamente. Gostei muito de participar de todas as atividades, principalmente da que desenhamos o que desejamos atrair para a vida, para mim, um exercício leve e profundo.

Eu adoro ouvir histórias e tenho facilidade em separar, unir e organizar coisas, para mim é parecido como um jogo ou um bordado, sinto bastante prazer com atividades de concentração e é algo que tenho facilidade.

Recentemente fiz um curso sobre talismã, senti uma atração muito forte com a temática e desde então tenho estudado bastante, por isso estou planejando oferecer algo nesse sentido que eu possa contribuir com as pessoas. Sinto a força da natureza que me habilita a inovar a partir dos recursos antigos.

Acredito que nunca é tarde pra retomar algo que seja importante.

Gratidão por esse despertar.

Feito.

(19/08/2020, exercício de finalização de ciclo de meditações de Deepak Chopra.)

Com-fiar é um projeto de oficina de arte que, de certa forma, amalgama a trajetória narrada nesta pesquisa: os conhecimentos ancestrais referentes à bordadura com a simbologia tradicional das formas para a criação de um talismã. Foi selecionado para integrar o conjunto de oficinas ofertadas no *Festival Entre Artes 2020*. Esse projeto teve como particularidade ser *online*, respeitando as normas de distanciamento vigentes, e foi indicado a qualquer pessoa com a intenção de transformar seu cotidiano com magia, nos tempos de pandemia. Nenhum conhecimento prévio de qualquer tipo era necessário, apenas os materiais básicos de bordado: linha, agulha e superfície (tecido ou papel).

Figura 55 - Divulgação da Oficina, veiculada no Instagram



Fonte: Instagram (2020). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CH23LNDFjsO/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

O que é confiar? “Com” é uma preposição de acréscimo, uma palavra que ressalta; “fiar” vem do latim *filare*, “compor em fios”, fio em Deus, possuir fé, acreditar em, fio com muita convicção. A seguir, parte de uma transcrição de vídeo do médico argentino psiquiatra, psicoterapeuta, psicanalista atuante na Psicologia Humanista e Transpessoal Mario Koziner, que apresenta um conto chamado *Fé e Chuva* e, na sequência, expõe esta reflexão pertinente, que contempla o sentido de *Com-fiar* da pesquisa:

Confiar é a fé que temos quando acreditamos em algo que não tenha nenhuma evidência científica de que vai acontecer; algo que não tenha nenhuma prova lógica, acreditar plenamente, como se isso já estivesse acontecendo, mas que ainda não esteja, isto é fé. E a gente faz tudo como se já estivesse naquele estado, naquele momento aonde isto está acontecendo.

Você tem fé que pode ter sucesso? Você tem fé que a sua vida vai dar certo? Você tem fé a tal ponto que já se imagine neste estado melhorado de qualquer forma que seja mais próximo da solução? Você observa a solução e acredita plenamente em algo que não tenha nenhuma evidência? [...] Pense em algum projeto, pense em algo que você queira de verdade, um sonho que mexa em sua alma, algo que seria “fora da caixinha”, fora da lógica, um milagre. Pense que você quer e deseja isso de verdade, não como ilusão – “ah, eu gostaria...” [...] A palavra “gostaria” não entra, o cérebro entende que é impossível. Eu quero, então imagino, já me vejo com esse projeto realizado, imagino tudo que eu preciso ter para que algo dê certo em minha vida e acredito plenamente. Nesse projeto que tens, nesse milagre que quer que ocorra na sua vida, de um a dez, quanto você acredita? Um é nada, dez é o máximo. Sinceramente, deixe que apareça um número intuitivamente. Se ainda quer um, dois, três, quatro, ainda não tem fé o suficiente; agora, se acredita mesmo, oito, nove, dez – se você disse: “Isso vai acontecer”, você então está já na fé, na confiança. Com-fiar – isso se faz entre todos, fiar com os outros, com sua família, seus relacionamentos, com seus amigos; fiar os laços afetivos nas *Ordens do amor* (2003), como diz Hellinger, para poder então concretizar esse projeto [...]” (KOZINER, 2020).

Em se tratando de sonhos, Sidarta Tollendal Gomes Ribeiro, biólogo, neurocientista e escritor brasileiro, autor de estudos sobre psicotrópicos e sonhos, apresenta em seu livro *O oráculo da noite* (2019) uma reflexão acerca deste campo que ainda sofre um certo preconceito pela ciência.

No vídeo do programa *Tirando de Letra*, da UnBTV, de 10 de março de 2020, Sidarta Ribeiro afirma: “A ciência tem muita dificuldade de lidar com aquilo que ela não conhece ainda. A profissão do cientista é descobrir o que não se conhece ainda, mas existe dificuldade, esse encontro é difícil.” (RIBEIRO, 2020). Ribeiro trabalha diferentes conotações da palavra “sonho”, remetendo-se aos sonhos do período das cavernas, de faraós, romanos, babilônios, índios do mundo inteiro; às narrativas judaico-cristãs; à própria Bíblia; a *Ilíada* e *Odisseia*; ao sonho das crianças; ao sonho hoje, no nosso tempo, e afirma: “Nos 4.500 anos de história escrita, foi só nos últimos 500 anos que o sonho perdeu lugar, e não encontra outro lugar, encontra o lugar nenhum.” (RIBEIRO, 2020).

Para Ribeiro, é necessário alinhar as ações com o desejo “porque muitas vezes uma pessoa está desejando uma coisa e está fazendo coisas completamente diferentes, e ela não encontra satisfação.” (RIBEIRO, 2020). Ele discorre sobre o sonho como um recurso a ser corporificado. O sonho lúcido, quando a pessoa está mais alerta, tem mais adrenalina, atenção, é passível de participação, intervenção, monitoramento e pode resultar em cura; o autor defende uma retomada do sonho no sentido de autoexploração.

Usar os sonhos para navegar o destino de um povo, as pessoas se reunirem para falar de sonhos e como isso tem a ver com o bem-estar de todos. Muito do que está acontecendo no planeta hoje... hoje é uma incapacidade de sonhar ou simular as consequências dos próprios atos. Pra onde a gente está caminhando? Qual o caminho dessa civilização em que os ricos cada vez ficam mais ricos, e os pobres cada vez ficam mais pobres, a desigualdade vai aumentando. Qual o propósito disso? Não tem propósito nenhum [...]. E o fato de elas não terem empatia demonstra uma falta de imaginação. Sonho tem a ver com a gente aumentar nossa capacidade de imaginação. (RIBEIRO, 2020).

Também vale citar António Damasio, médico neurocientista português, estudioso da ciência cognitiva responsável pela tomada de decisões e conduta. Segundo ele, a história da humanidade e o avanço da neurociência andam de mãos dadas, assim como razão e emoção. Não é possível dissociar ou escolher apenas um caminho (DAMASIO, 2011). Pesquisando sobre os mistérios da mente, o referido médico nos apresenta o protagonismo do ego sobre nossa mente consciente na regulação sociocultural:

De qualquer forma, o que é consciente? O que é uma mente consciente? E poderíamos tomar um entendimento muito simples e dizer, bem, é o que perdemos quando caímos em sono profundo e sem sonhos, ou quando nos submetemos à anestesia, e é o que recobramos quando voltamos do sono ou da anestesia. Mas, o que é exatamente essa coisa que perdemos sob anestesia ou quando em sono profundo e sem sonhos? Bem, antes de tudo, é uma mente que é um fluxo de imagens mentais. E, é claro, considere imagens, que podem ser padrões sensoriais, visuais [...]. Não somos expositores passivos de imagens visuais, auditivas ou táteis. Temos egos. Temos um Eu que está automaticamente presente em nossas mentes exatamente agora. [...] Assim, para ter uma mente consciente, você tem um ego dentro da mente consciente. Portanto, uma mente consciente é uma mente com um ego dentro dela. Esse ego introduz uma perspectiva subjetiva na mente, e só estamos plenamente conscientes quando o ego vem à mente. Assim, o que precisamos saber para exatamente tratar desse mistério é, número um, como nossas mentes se compõem no cérebro, e, número dois, como os egos são construídos. [...] Existem três níveis de ego a considerar – o proto, o núcleo e o autobiográfico. Os dois primeiros são compartilhados com muitas, muitas outras espécies [...]. O ego autobiográfico é construído com base em memórias passadas e memórias dos planos que fizemos, é o passado vivido e o futuro antecipado. E o ego autobiográfico estimulou memória ampla, raciocínio, imaginação, criatividade e linguagem. E disso vieram os instrumentos da cultura – religiões, justiça, comércio, artes, ciência, tecnologia. E é dentro dessa cultura que realmente podemos ter – e essa é a inovação – algo que não é totalmente regulado pela nossa biologia. É desenvolvido nas culturas. Desenvolveu-se nas coletividades de seres humanos. E, claro, isto é a cultura na qual desenvolvemos algo que gosto de chamar de regulação sociocultural. (DAMASIO, 2011).

Ambiguidade necessária

Razão e emoção nunca estiveram em margem opostas, sempre funcionaram em uníssono, mas há um consenso equivocado, porque nunca questionado, de que emoção e intelecto poderiam estar sempre em conflito e que esse fosse a causa da incompetência prática de nossas tomadas de decisões, ou resoluções.

Não há pensamento desprovido de emoção nem tampouco emoção que possa acontecer sem um pensamento.

Esta é a realidade, enquanto isso, nossa distorcida educação nos faz fantasiar com que intelecto e emoção possam discordar, e que isso divida nossa consciência, tornando difíceis nossas decisões e resoluções.

Se achas que pensas uma coisa diferente da que sentes, isso só é assim porque em teu próprio pensamento existe a semente da ambiguidade, e tua emoção é a da ambiguidade. [...]

A experiência de vida é complexa, a ambiguidade te impede que a trates como algo ordinário, te brindando com a perspectiva de precisares mais tempo para resolver o que está em tuas mãos.

A ambiguidade, no mínimo, te faz ganhar mais tempo, e se não consegues lidar com o aparente tormento dela é porque te convenceste de outro equívoco muito difundido na humanidade, o de que a única experiência valiosa seja a da paz interior.

(Oscar Quiroga, 2020)

Em suma, razão e emoção não são dissociadas, mas há quem afirme que a emoção prevalece. Silvia Torikachvili (2016) aponta que, segundo Marcus Vinicius Baldo, neurofisiologista brasileiro que estuda os mecanismos sensoriais que conduzem à percepção humana, o emocional é mais determinante na tomada de decisão: “A racionalidade é uma invenção humana para justificar a decisão. Decisões, diz ele, são norteadas por componentes afetivos. O chamado homem racional, que baliza suas decisões pelos ganhos, pelos lucros, faz parte de uma teoria ultrapassada.” (TORIKACHVILI, 2016) – o que comprova o conceito de afetividade no campo da educação, *A Teoria de Afetividade*, do filósofo, médico, psicólogo e político francês Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879 - 1962), que tanto agregou ao campo educacional com sua Psicologia do Desenvolvimento.

Torikachvili (2016) segue relatando que a capacidade de memorização, de captação de experiências e de encontro de decisões parece não ter fim, daí o conceito de livre-arbítrio, expressão que denota a vontade de livre escolha, com ênfase desde os textos bíblicos e discutido tanto pela filosofia como pela ciência. “A neurologista Márcia Lorena resume a materialização do livre-arbítrio a partir do momento em que a pessoa se permite tomar uma decisão baseada na própria vontade.” (TORIKACHVILI, 2016).

Nessa perspectiva, confiar é mesmo que acreditar; os sonhos podem ser corporificados pela mente consciente; a razão e a emoção são aspectos inseparáveis, sendo a emoção sobressalente; e ambos os conceitos sofrem a intervenção da decisão, do desejo, da vontade, da intenção. A partir do subsídio destes dados é possível traçar um alinhamento entre as ações aos desejos, de forma consciente? Determinar nossa experiência, beneficiando-nos do poder da intenção e inclusive gerar cultura? Essa é uma ideia explorada pelas ciências ocultas desde as tradições antigas, particularmente, no Hermetismo do antigo Egito; e materializada em templos, imagens, objetos, como é o caso do talismã.

A palavra “talismã”, do árabe *telsaman* – figura ou objeto com caracteres gravados a que se atribuem qualidades ou virtudes sobrenaturais –, é sinônimo de “amuleto, patuá, fetiche”. São imagens que têm simbologia carregada com a força a que se destina representar desejos e alcançar propósitos. Quando expostos a técnicas de deslocamento de energia – supostamente – passam a possuir poderes mágicos transcendentais e benefícios ao possuidor.

Segundo Nilton Schutz (2006; 2017), pesquisador das linhas de conhecimento de Astrologia, Numerologia, Tarot, Cabala, Radiestesia e Radiônica, Quiromancia, entre outras, apoiando-se em obras como *Dogma e Ritual da Alta Magia* (1854) e *Tratado Elementar de Magia Prática* (2010) e na referência adotada para os conteúdos deste trabalho,

Magia é “tradição”, para acabar como misticismo, tira a verdadeira “Mística”. Para ele, falar de talismãs e pantáculos (do grego “pan” traduzido por “tudo”, firmando a ideia da tradição de que algo no microcosmo pode possuir as forças do macrocosmo impregnadas em caracteres ou sinais a serem empregados na arte mágica), devem ser mais do que levado a sério, pois de grandes aliados para objetivos e metas, podem passar apenas a meros objetos sem nenhum valor ou vibração mágica. (SCHUTZ, 2006, p. 2).

Figura 56 - Pantáculos Tetragramaton (Pentagrama) e o Hexágono, considerados máximos por conterem arquétipos inquestionáveis



Fonte: SCHUTZ, Nilton (2006, p. 36).

“ ... Os talismãs são caixinhas nas quais encerramos influências...”

(Paracelso, citado por Shutz, 2006, p. 2)

Schutz (2006), referindo-se a Paracelso, afirma:

Este grande Ser traduz em poucas palavras todo ato mágico que envolve a confecção, consagração e utilização de talismã, pois na Magia tudo tem um “porque” e principalmente uma consciência a ser trabalhada. Infelizmente na atualidade as Artes Mágicas foram renegadas, pois com o grande avanço da ciência formou-se uma polaridade entre elas, onde tudo deve ter uma lei objetiva e concreta e para a Magia ficou a superstição e o misticismo cego. Mas existirá o dia em que esta polaridade encontrará o ponto central e as realidades sutis serão plenamente reconhecidas e manipuladas para a evolução. (SCHUTZ, 2006, p. 2).

“ ...Chama-se Talismã uma peça de metal que carrega pantáculos ou caracteres e que recebeu uma consagração especial para uma determinada intenção...”

(Éliphas Lévi, Dogma e Ritual da Alta Magia, 1854, citado por Shutz, 2006, p. 3)

O que é necessário compreender é que, quanto mais for impregnada no objeto a “Vontade” (fluido) do operador, mais força o mesmo terá e esta vontade pode ser tanto no sentido de construir como destruir, sendo assim, pode ser utilizado para proteger, se defender, atacar, prosperar, evoluir etc. O Talismã pode ser de qualquer reino, de pedra ou mesmo metal, planta, parte de um animal, estátua (Teraphim) etc. (SCHUTZ, 2006, p. 3).

Figura 57 - Terafins ou deuses domésticos



Fonte: Museu do Instituto Oriental, Universidade de Chicago. 2014. Disponível em: <https://biblicalarchaeologygraves.blogspot.com/2014/12/figure-43.html>. Acesso em: 23 nov. 2020.

“...Vimos que a Magia, sendo a grande ciência que tem por escopo principal colocar o homem em ligação com todas as forças e inteligências naturais, deve ter uma linguagem própria...”

(Antônio Castaño Ferreira, séc. XX, citado por Schutz, 2006, p. 5)

Esta linguagem própria citada pelo grande adepto [da Teosofia Brasileira, A. Castaño Ferreira] está nas formas, cores, sons e perfumes, além das horas certas correspondentes ao setenário cósmico planetário para que o instrumento/talismã seja impregnado da “Vontade escolhida” da maneira mais eficaz possível. (SCHUTZ, 2006, p. 5).

O *Projeto Com-fiar* honrou o conselho das escolas mágicas tradicionais que orientam que tanto a elaboração quanto o desenvolvimento do objeto sejam feitos pela própria pessoa que pretende dele se beneficiar. Para tanto foram apresentados os conteúdos para associações: formas e seus arquétipos mágicos: círculo, ponto, traço/linha, triângulo, quadrado, pentagrama, hexagrama, septagrama, octograma, nonagrama e decágono ou estrela de 10

pontas; sigilos mágicos (inscrições ou padrões que tenham um significado particular para o criador); a vibração das cores; égides zodiacais e planetárias; e a consagração, ativação.

Foram também apresentados alguns símbolos de poder tradicionais, figuras simbólicas das forças elementares apoiadas na tradição; algumas referências das artes visuais, cinematográfica e música para legitimar a temática, bem como conteúdos do senso comum de mídias sociais, com exemplos acessíveis e de fácil aplicação, por exemplo: flâmulas, bastidores, almofadas e penduricalhos em geral, para que o toque pessoal fosse amplificando ao poder pretendido do talismã.

A proposta de materialização do projeto foi apropriada do conceito *Up cycling*, reutilizando materiais (tecido, plástico, papel – necessita experiência, pois os furos podem rasgar) que se tinha em casa, assim como agulha e linha para então aplicação livre da bordadura. A técnica tem sua origem na pré-história, um patrimônio histórico cultural da humanidade, pois, desde os primórdios da civilização, permitiu aos seres humanos construir suas vestimentas para proteger seu corpo, sacolas para auxiliar no transporte, entre outros artefatos funcionais e/ou simbólicos com fio intuitivamente e que se aprimorou com o tempo, chegando a sofisticados pontos.

Um processo criativo que não possuiu uma regra a ser seguida, ou seja, o participante, além de ter contato e ampliar seu conhecimento sobre a manifestação da magia tradicional, pode usar esses princípios na construção do seu próprio talismã, transformando e ressignificando uma peça existente no auxílio numa mudança de hábito ou realização do desejo.

REFERÊNCIAS

Livros e obras de arte

ALVES, Rubem. **Conversas sobre Educação**. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.

BÍBLIA, N. T. Mateus. *In*: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada** – Edição Pastoral. Antigo e Novo Testamentos. Tradução, introdução e notas: Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro; introd.: Abraham Kaplan. São Paulo, SP: Martins, 2010.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. 12ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1999.

MATISSE, Henri. **Quarto em Ajaccio**. 1889.

MOLLISON, James. **Onde as crianças dormem**. Londres: Chris Boot Ltd., 2010.

RIBEIRO, Sidarta Tollendal Gomes. **O oráculo da noite**. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 2019.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano do ensino das artes visuais**. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

SHUSTERMAN, Richard. **Vivendo a arte**: o pensamento pragmático e a estética popular. Trad. Gisela Domschke. São Paulo, SP: Editora 34, 1998.

VAN GOGH, Vincent. **Quarto em Arles**. 1878 a 1889. 3 originais de arte, óleo sobre tela. 2ª versão 73,6 x 92,3 cm; 3ª versão, 56,5 x 74 cm.

Endereços eletrônicos

ANDRÉ LUIZ. Cada um. *In*: XAVIER, Francisco Cândido. **Cartas do Coração**. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/56801181/chico-xavier-livro-048-ano-1952-cartas-do-coracao>. Acesso em: 22 nov. 2020.

BRASÍLIA, Canal Universitário. **Tirando de Letra**: Sidarta Ribeiro. 2020 (22m29s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JZLwN5Wn09E>. Acesso em: 25 nov. 2020.

CANÇÕES Populares. Canções Para Pular Corda. *In: Vagalume*. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/cancoes-populares/cancoes-para-pular-corda.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CÁRITAS. Prece de Cáritas, psicografada por Mme. W. Krell em 25 dez. 1873. Bordeaux, França. *In: Pensador*. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTIwOTg2/>. Acesso em: 22 nov. 2020.

DAMASIO, Antonio. A busca para o sentido consciente. 2011 (18m17s). *In: TED - Ideas Worth Spreading*. Disponível em: https://www.ted.com/talks/antonio_damasio_the_quest_to_understand_consciousness/transcript?language=pt-br. Acesso em: 25 nov. 2020.

FALCÃO, Dudu. **Coisas que eu sei**. Rio de Janeiro, RJ: Som Livre, 2009. Music Publisher: Warner/Chappell. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgKk6UgANwl>. Acesso em: 25 nov. 2020.

KOZINER, Mário Angel. **Significado de confiar** | Conto: O Padre e o Guarda-chuva. 2020. (11m50s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0129I1QLIQc&t=629s>. Acesso em: 24 nov. 2020.

O JARDIM Secreto. Frances Hodgson Burnett Direção de Agnieszka Holland. Produtoras: Warner Bros. Entertainment, American Zoetrope. 1993. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=653RL2z-FAQ&list=PLLSdeKl0E7niFKj9Eh2RN8APNCI3Ak2aF>. Acesso em: 28 out. 2020.

QUIROGA, Oscar. **Ambiguidade necessária**. 25 abr. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_Y1IFgFOa-/. Acesso em: 14 nov. 2020.

SCHUTZ, Nilton. **Construção de Símbolos e Pantáculos**. 2006. Disponível em <https://pdfslide.tips/documents/talismas-e-pantaculos-magicos.html>. Acesso em: 25 nov. 2020.

SCHUTZ, Nilton. **O Poder dos Talismãs - A Magia dos Símbolos**. 2017 (1h). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjdzmgErTXY>. Acesso em: 24 nov. 2020.

SEIXAS, Raul Santos. *Metamorfose Ambulante*. 1973. *In: Letras*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/48317/>. Acesso em: 30 nov. 2020.

TORIKACHVILI, Silvia. A ciência por trás da tomada de decisão. *In: Educação*. Ed. 229. Editora Segmento, 2016. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2016/05/10/a-ciencia-por-tras-da-tomada-de-decisao/>. Acesso em: 25 nov. 2020.